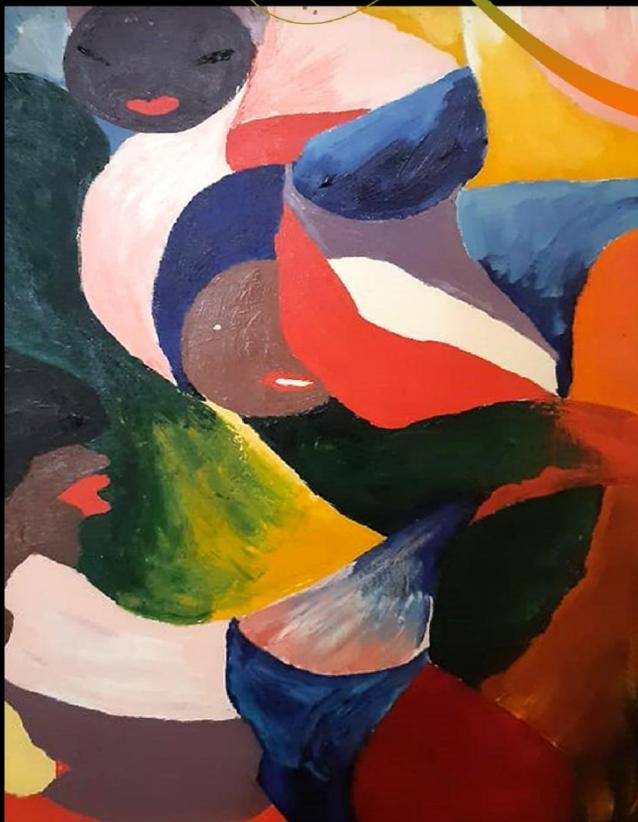




Movimentos

Allegro ma non troppo



Josiane Rose Petry Veronese

MOVIMENTOS

Allegro ma non troppo

Josiane Rose Petry Veronese



Caruaru – 2020

©2020 - Associação Caruaruense de Ensino Superior e Técnico Ascес-Unita.
Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.



Instituto de Estudos Avançados do Centro Universitário Tabosa de
Almeida (IEA ASCES-UNITA)
Dr. Paulo Muniz Lopes
Reitor
Av. Portugal, nº 585, Bairro Universitário – Caruaru/PE
www.iea.ascес.edu.br



Editora Ascес
Prof. Dr. Fernando Gomes de Andrade
Coordenador Executivo do IEA Ascес-Unita
Editor Chefe

CONSELHO CIENTÍFICO/EDITORIAL

Dra. Adrya Lúcia Peres Bezerra de Medeiros (ASCES UNITA)
Dra. Ana Maria de Barros (UFPE)
Dr. Carlos Augusto Alcântara Machado (UFS)
Dra. Catalina Lopez
Dr. Fabrício Esteves de Andrade (ASCES UNITA)
Dr. Fernando Gomes de Andrade (ASCES UNITA/UPE)
Dra. Josiane Rose Petry Veronese (UFSC)
Dr. Marco Luppi (IU SOPHIA)
Dr. Marco Martino (IU SOPHIA)
Dr. Marconi Aurélio e Silva (ASCES UNITA)
Dra. Olga Maria Boschi Aguiar de Oliveira (UFPEL)
Dr. Osvaldo Barreneche (Universidad de La Plata)
Dr. Pablo Ramírez Rivas (Universidad de Chile)
Dr. Raymundo Juliano do Rego Feitosa (ASCES UNITA / UEPB)
Dr. Rodrigo Mardones (Universidad Católica de Chile)
Dr. Saulo Santos de Souza (ASCES UNITA)
Dr. Silvano José Gomes Flumignam (ASCES UNITA / UPE)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V549m Veronese, Josiane Rose Petry.
Movimentos [livro eletrônico]: Allegro ma non troppo / Josiane Rose
Petry Veronese. -- Caruaru/PE: Editora Ascес, 2020.
119 p.

E-book: PDF
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web: <http://repositorio.ascес.edu.br>
SBN: 978-65-88213-04-9 (on-line)

1. Poesias. 2. Crônicas. I. Título.

MOVIMENTOS

Allegro ma non troppo

Josiane Rose Petry Veronese

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
PRIMEIRO MOVIMENTO: CRÔNICAS	8
MOVIMENTOS.....	9
CARTA DE REPÚDIO.....	10
ÓBULO	12
ENTRE CONCEITOS.....	13
É PRECISO.....	14
UM ACHADO	15
EXERCÍCIO	16
NÃO SEI BEM.....	17
<i>NONSENSE (?)</i>	18
VALE A PENA.....	20
IGUAIS E DISTINTOS	21
É FÁCIL ESCREVER?.....	23
A MONTANHA E O LITORAL	25
POR MAIS QUE.....	26
DISCURSOS(?)	27
“SONO”	28
MONTES E VALES.....	29
TERRA E CÉU	30
OLHAR AFINADO.....	31
NÃO É FÁCIL.....	32
A GRANDE CENA	33
IMPOSSÍVEL	34
IMPACTADA	35
LIBERDADE, QUEM ÉS?	36
“TROCANDO FOTOS”	37
SERÁ MESMO?.....	38
UM MENINO SE FOI	40
UMA SEMANA TRISTE	42
VIOLÊNCIA.....	44

“MARIAS”	46
COISAS ESTRANHAS.....	47
AS TRÊS IRMÃS	49
A VIDA E SUAS DEMANDAS	51
O INSANO.....	52
PEÔNIA	53
PAIDEIA.....	54
PELA PAZ.....	55
“PAZ E BEM!”.....	61
ESCRITOS E LIVROS	63
O “EU” APAGADO	64
PROCESSOS	66
CONSUMISMO	67
CENAS.....	69
ALIENAÇÕES	70
“JOÃO DOIDO”	71
MUITO MAIS QUE UM “RASCUNHO”	72
SOPHIA	74
O TEMPO E AS MULHERES DO DIREITO.....	75
INTERVENÇÃO IMPERTINENTE.....	76
A ESTRANHA	77
APRENDI... <i>I HOPE</i>	79
FOCO DE AMOR	81
“CURAS”	82
MILAGRES.....	84
SÍNDROME DE ESTOCOLMO (?).....	85
VEJO.....	87
FEMINISTA, FEMINISMO, FEMININO	88
COMPETÊNCIA E COMPAIXÃO	89
NEM SEMPRE	91
UM TIPO DIFERENTE	93
DIZ A CANÇÃO.....	94
SURPRESA	95
IMPRESSIONADA	96
POR OUTRO	97
CARTAS	99
TRISTE DEMAIS.....	101

OPÇÕES.....	102
PODER EM FOCO.....	103
<i>VIOLET</i>	104
SEGUNDO MOVIMENTO: POEMAS	106
PILATES/VIDA.....	107
DESISTIR(?)	108
QUE NOME.....	109
DIVISÃO	110
É ESTRANHO.....	111
VOA	112
GRATIDÃO	113
NÃO É POSSÍVEL	114
ONDE ESTÁ?	115
SENHORA DO DESEJO.....	116
ESSES DIAS.....	117
PREOCUPA-ME	118
CARTAS DE DOR.....	119
DEFICIÊNCIA(?)	120
POESIA E DOR	121
P X P: POETA NA PANDEMIA	122
SOCORRO.....	123
POEMA PARA HELENA	124
CORAÇÃO DOURADO.....	125
ÁGAPE.....	126
QUARENTENA	127
CUIDADO MAIOR.....	128
TEMPOS DE AMOROSIDADE	129
TEMPOS OUTROS.....	130
CRIANÇAS.....	131
BELEZAS	132
QUISERA.....	133
UM OUTRO OLHAR	134

PREFÁCIO

Um prefácio não tem um tempo pré-definido em que é realizado.

Pode acontecer, muito raramente, ser escrito antes da primeira linha do que será prefaciado, quando essas situações raras ocorrem, tem-se a possibilidade de “ver” o todo antecipadamente, ou o quase todo, no sentido do que tratará a obra.

Em hipótese mais comum, o prefácio é escrito ao término da obra. Exatamente por se ter condições de escrever diante de uma obra concluída e dela apreender, de modo sintético, os seus mais importantes argumentos, sua forma, a sua lógica (ou não) e visão do que se propôs a discorrer.

Neste caso, o ponto exato do “momento” deste “intróito” deu-se no momento mediano da escrita, quando muito já havia sido verbalizado e muito mais estava por escrever.

Aconteceu quando minha mãe estava concluindo feliz a leitura de um artigo que eu escrevera em coautoria com uma doutoranda e por que o feliz? Pois estava se recuperando das cirurgias de cataratas a que havia se submetido e, pouco a pouco, voltava a enxergar e com condições de, novamente, ler, o que lhe dava uma enorme alegria.

Estava toda feliz em ler “Olivas da aurora” e disse-me: Gosto muito das tuas crônicas...

Este fato provocou em mim uma dupla alegria, primeiro porque este livro que escrevo “Movimentos”, seria a ela dedicado e, em seguida, trata-se, exatamente de um livro com duas partes ou melhor, “movimentos”, o primeiro, de crônicas, portanto, bem ao estilo literário da minha homenageada e o segundo movimento, são poemas.

Isto é muito bom, gostoso mesmo! É como se fosse possível dar o mais lindo e saboroso doce para quem é apaixonado por doçuras. Muito bom mesmo, dá uma sensação de suave sincronicidade.

Além do mais, há certas artes que saem do passado e se postam no presente, a anunciar uma grata missão: a de alegrar a leitura com cores, alegria

e riso. Exatamente conforme constam das telas de arquivo pessoal¹ que compõem a capa desta obra, mensageiras da mais plena certeza de que na terra, também, há estrelas, de todas as cores, coloridas como é a própria vida.

Resta colocar que “Movimentos” resgata a concepção da vida como os grandes movimentos que compõem a partitura de nossas vidas, por isso que se torna necessário o acréscimo de um subtítulo: *Allegro ma non troppo*.

¹ Arquivo pessoal de família da autora, de autoria própria, no caso, a terceira; a primeira, de Gustavo Petry Veronese; a segunda, de Eduardo Rafael Petry Veronese.

PRIMEIRO MOVIMENTO: CRÔNICAS

MOVIMENTOS

A vida precisa de movimentos, movimentos de toda ordem, de todas as formas e cores, caso contrário somos fadados ao ostracismo, ao esquecimento do próprio ser.

Águas claras também podem ficar estagnadas se lhe carecem a oxigenação de novas águas ou do próprio movimento em si. O movimento exercita o corpo, a alma, os sentimentos. Sem ele morremos. Causa-me estranheza as pessoas que fazem da vida um estacionamento. Os outros chegam e vão e elas ali, permanentes.

Até mesmo os vegetais se movimentam – o movimento do crescer -, outros do voltarem-se para o sol, para a lua, como, por exemplo, os girassóis. E ainda o movimento que tem sua origem nos ventos. “Vento que balança as palhas do coqueiro. Vento que encrespa as ondas do mar. Vento que assanha os cabelos da morena. Me traz notícia de lá.”²

A chuva, o vento, simbolizam que a natureza não para.

Somos mutantes, nômades que anseiam e precisam de novas terras, novos olhares, novas experiências.

O corpo se movimenta, se desloca.

Os sentimentos, as emoções em suas inúmeras e irrepetíveis variações são o movimento da alma, como se fosse a sua forma de respirar.

² “Prece ao vento”, melodia do consagrado pianista Alcyr Pires Vermelho que recebeu letra de Gilvan Chaves e Fernando Luiz da Câmara Cascudo.

CARTA DE REPÚDIO

Como poetas que, enamorados pela vida, não se cansam de sonhá-la, assim é o movimento em favor da dignidade, de respeito à condição de ser, ser criança.

O sonho que se concretiza no dia-a-dia em que a poeta, o poeta, faz de sua poesia, da palavra, uma Carta de Denúncia.

Assim nasceu esta Carta:

CARTA DE REPÚDIO À DECISÃO DA CORTE EUROPEIA DE DIREITOS HUMANOS, CASO DO BEBÊ BRITÂNICO CHARLIE GARD

O mundo há de sempre lembrar do nome Charlie Gard; o bebê de 10 meses que ganhou a atenção de pessoas de várias partes fora do Reino Unido, o qual passa, junto com os seus pais, por desafios para que continue a viver. O caso trouxe novamente a discussão em torno do direito à vida, uma vez que a Corte Europeia de Direito Humanos (CEDH) decidiu pelo desligamento dos aparelhos e a cessão dos substratos médicos que o mantém vivo.

A CEDH tem em sua finalidade a observação de demandas conduzidas até a sua jurisdição em torno de violações ou não da Convenção Europeia de Direitos Humanos; o caso tomou grandes proporções no Reino Unido, tendo o Tribunal de Londres decidido pelo desligamento dos aparelhos médico-hospitalares, a Corte Europeia entendeu que as condições de desenvolvimento da criança são comprometidas, devido à síndrome de miopatia mitocondrial que possui.

O quadro da família é arrasador, pois o filho está na iminência da morte e seus últimos sopros de vida são acompanhados pelos pedidos de que a sentença não seja executada no hospital londrino Great Ormond Street, como posto na decisão judicial. A situação se torna controversa, pois a vida humana deve ser preservada, principalmente de crianças doentes. Desta forma é visível a violação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da Convenção sobre os Direitos da Criança, da Convenção Europeia de Direitos Humanos, em prol do raciocínio de que algumas vidas merecem ser mantidas e outras não; fragiliza-se a proteção integral à criança e toda uma construção doutrinária que vem sendo traçada por aqueles que militam pelo reconhecimento dos direitos da criança.

Na última semana, um centro médico do Vaticano, o “Bambino Gesù”, ofereceu-se para acomodar o menino e assim realizar os tratamentos possíveis para otimizar a saúde e retardar os efeitos nocivos causados pela doença. Em vão, o hospital britânico nega a transferência e reafirma que será cumprida a decisão dos juízes da CEDH. Triste caso que marcará a história deste bebê e da sua jovem família, além disso, abre fissura na aludida proteção integral, vindo a

possibilitar que situações semelhantes a esta sejam assim também interpretadas e que outros “Charlie” sejam condenados a sono perpétuo pelos dissonantes à vida.

Quando a Convenção sobre os Direitos da Criança, ONU, 1989, recepcionou na normativa internacional a Doutrina da Proteção Integral fez uma opção que implicaria num projeto político-jurídico-social universal, que é o de compreender a criança como sujeito de direitos. Esta concepção da Proteção Integral implica, sobretudo: Primeiro, a infância admitida como *prioridade imediata e absoluta*, exigindo uma consideração especial, o que significa que a sua proteção deve se sobrepor a quaisquer outras medidas, tudo isso objetiva o resguardo de seus direitos. Em segundo, evidencia o princípio do melhor interesse da criança, o qual não deve ser visto de uma forma fantasiosa ou sonhadora, mas como algo concreto, considerando que cabe à família, portanto aos pais ou responsáveis garantir-lhe proteção e cuidados especiais; ressalta-se o papel importante da sociedade, na sua efetiva intervenção/responsabilização com os infantes e, ainda, a atuação de cada Estado-Parte, signatário da Convenção, com a criação de meios/instrumentos que assegurem os direitos definidos e, em terceiro lugar, reconhece a família como o grupo social primário e ambiente “natural” para o crescimento e bem-estar de seus membros, especificamente das crianças, ressaltando o direito de receber a proteção e a assistência necessárias, a fim de poder assumir plenamente suas responsabilidades dentro da comunidade na idade apropriada.

O caso do bebê Charlie Gard aponta-nos uma crucial indagação: não estaríamos frente a um ultra aborto? Os argumentos dos que defendem o desligamento dos aparelhos pautam-se na ideia de que este bebê não terá muito tempo de vida. Apreende-se neste caso uma visão utilitarista. O bebê Charlie Gard não produzirá, não servirá a uma sociedade adultocêntrica e desrespeitosa com a vida humana, em especial, com os mais frágeis, vulneráveis, doentes.

Assombra-nos o posicionamento da Corte Europeia de Direitos Humanos por compactuar com tamanha crueldade e violência. Esta Corte desrespeita a essência de sua razão de existir: a defesa dos Direitos Humanos, e o Direito à Vida é o mais elementar desses direitos.

Não podemos silenciar!

Urge repudiarmos a cultura da morte, neste caso, pela via do desligamento dos equipamentos que mantêm vivo o pequeno Charlie Gard.

ÓBULO

Fiz uma campanha de arrecadação de fraldas entre amigos, alunos, para uma determinada situação envolvendo migrantes sírios. Constatei a generosidade de muitos, o quanto que basta acionar um botão a favor de uma campanha e de imediato percebemos o quanto o povo brasileiro é sensível, disposto a compartilhar. Às vezes o que falta, exatamente, é o tempo para que cada um, individualmente, se coloque na disposição de ajudar uma determinada necessidade. Porque, tendo quem faz esta ponte, as coisas fluem.

Neste cenário, o que mais me surpreendeu não foi somente a imediatez com que meus amigos me responderam e as fraldas chegaram, mas um fato singular tomou-me de surpresa: Uma das minhas doces amigas tem uma condição econômica mais delicada e mesmo assim não contou esforços em trazer-me dois pacotes.

Lembrei-me da figura do “óbulo da viúva”, que praticamente nada tinha e, no entanto, ofertou a sua riqueza, suas duas únicas moedas. A chegada destes dois pacotes revelou-me de modo surpreendente a riqueza dessa mulher, eis que, possivelmente, tirou de si, de algo que lhe pudesse ser útil e ofertou em forma de generosidade o seu melhor, o seu dar-se. Lembrei-me de algo que uma vez lera de que só é verdadeiramente meu aquilo que posso doar.

Portanto, esta minha amiga é absolutamente senhora de si, proprietária de uma imensa riqueza, pois doou. O que, talvez, seja o bem mais precioso que temos - e tão pouco dado - no mundo de hoje: o tempo.

Dou-me no tempo, no tempo do tempo. Não há mais que se falar em perder tempo, há que se falar: dar um tempo!

Esta é a minha maior riqueza, que de modo consciente disperso: dar o meu tempo, e com ele, o que verdadeiramente sou.

ENTRE CONCEITOS

Relações de mundo.

Como visualizo a leitura, correlação entre utopia e a práxis. É possível focar só um elemento? Como diluí-lo?

Estamos frente a um impasse.

A busca de um novo modelo que parte da problematização dos conceitos e seus efeitos. Quantos modelos frágeis, numa sociedade múltipla e complexa, o que fazer?

Apreendo e sinto que há uma possibilidade, que se situa e dialoga com tal complexidade.

Uma humanidade que precisa ser tocada.

Devemos evitar “cair” em ilusões, situações desconectadas que possam gerar riscos.

A comunicação, a efetiva relação é imprescindível. Somos seres relacionais, e sem isto nos perdemos.

É preciso um esvaziamento pleno, que possibilite a construção a partir de algo simples. A busca de um consenso, que exorta o diálogo. Que exorta o interagir.

O ouvir como elemento do mesmo nível do falar. Aí é que se estabelece o novo. Uma concreta possibilidade relacional: o abrir-se exige uma grande profundidade.

Somente assim será possível a construção de uma sociedade relacional.

É PRECISO

É necessário respirarmos paz, nos movermos no sentido da paz. A realidade do mundo parece evidenciar um outro cenário, da contestação gratuita, não fundamentada, do querer ter razão a toda prova. Para que?

Muitas e muitas vezes é necessário um deixar passar, um “laissez-faire” emocional.

Vejo um vai e vem de sentimentos. Falas desnecessárias, comandos indevidos. E para que?

O que se leva em querer ter sempre argumentação, querer sempre vencer, direitos de palavras... Melhor deixar para lá. Melhor reservar energias para os “bons combates”, é preciso canalizar as energias para os lugares e espaços onde efetivamente é preciso, indispensável.

Que as guerras infantis e de palavras deem lugar às gargalhadas, às boas histórias, as docilidades dos bons encontros. Todo o resto é bobagem, desnecessário.

Tenho observado que pessoas felizes, o que não significa, alienadas, têm o propósito de verem as circunstâncias da vida de forma mais amena, por um lado e, por outro, mais objetivas.

A objetividade dá clareza, praticidade, o que, por consequência, provoca uma dinâmica de que tudo pode ser visto de modo mais leve, sem a obscuridade do que supostamente se situa como complexo, mas que na realidade é confuso.

Há os que têm o hábito de se colocarem como pesados para os outros por puro vitimismo ou mesmo, imaturidade.

Ser leve é saber se conduzir com uma inestimável companheira: a sabedoria.

Leveza, simplicidade e sabedoria, uma tríade perfeita, que torna a vida em algo fantástico e irrepetível.

UM ACHADO

Hoje tomei um susto: localizei um grande caderno capa dura com escritos meus da passagem da adolescência para a juventude, e qual não foi minha surpresa que esses escritos estavam divididos, praticamente, em duas partes – uma de poemas e outra de crônicas.

Este modo de escrita ficou adormecido – hibernando – durante anos a fio em que a escrita tomou um necessário caminho, escrever sobre o nascente Direito da Criança e do Adolescente. Uma vez ou outra até escrevia alguns poemas, algumas pequenas histórias que ia guardando de modo lento.

Somente em 2014 estes escritos ganharam um agrupamento resultando na obra “Olhos verdes”, em homenagem a minha mãe Marina Petry, a nossa linda matriarca, que traz no sangue a pureza intrínseca dos artistas.

A partir daí, em que pese não deixar de lado os estudos, pesquisas e produções na área do Direito da Criança e do Adolescente, sentia-me ainda mais impulsionada a escrever para além dos textos jurídicos e que, na realidade, tem-se constituído numa possibilidade de através da arte, também de escrever com sensibilidade, questões que envolvam o mundo da criança e do adolescente.

Por vezes o conhecimento de determinada violação era motivo para o nascimento de um poema, o qual acabava introduzindo no Prefácio de muitas obras, em que era convidada a elaborar.

Outras vezes, o conhecimento, como determinada questão estava sendo aprofundada, suscitava também um poema, como se fosse possível que um estudo, com o seu conjunto de aprofundamentos, pudesse ser resumido, não na forma clássica de um “resumo”, um *abstract*, mas de um poema.

Mas voltando, constatei que o grande livro, com uma série de escritos, guardava a mais absoluta relação com o que escrevo hoje. Ali já há música, saudade, voos, percepções sobre o outro... temas que ficaram naquelas páginas registradas e temas que acabaram por ser registrados no meu ser.

Um fato é certo: estes escritos precisam ser digitalizados, precisam respirar... conhecer este mundo tantos anos depois...

EXERCÍCIO

Preciso, cada vez mais, compreender que nem sempre o bem que supostamente concebo como positivo para o outro é algo que, efetivamente, seja o bem desejado por esta pessoa. Talvez ela não queira bem algum, talvez não veja a necessidade de um bem.

Portanto, há que se ter também neste momento a paciência do olhar, da espera e deixar-se conduzir pela chamada. Muitas vezes é importante aguardar sermos chamados.

Considero-me uma pessoa não intrusiva, aliás tenho certo horror aos intrusos, pois não deixam de ser, de certo modo, sujeitos violadores, violadores da intimidade, da individualidade de cada ser.

Estar disposto a ajudar, a amar, não significa intromissões indevidas, antes, os relacionamentos precisam ser delicados, respeitosos, enfim, elegantes. Sim, a elegância não é apenas se vestir e se portar adequadamente. A elegância está nos gestos, no ser, no construir-se como pessoa.

A elegância é o ser atual e atento – talvez por isso que ela ande tão distante, alheada a este mundo em que as pessoas parecem tão ensimesmadas.

Respira-se, olha-se.

A elegância há de voltar.

NÃO SEI BEM

Não sei bem como expressar o sentimento que toma o meu ser.

Por que certas escolhas são lidas de forma tal como se fossem as únicas e, em função delas, todo o resto passa a ser excluído? Não entendo que deva ser assim.

O fato de sentir que a liberdade, e não o aprisionamento de seres é imprescindível, isto não significa que somos seres alienados em voos que desconsideram o outro.

O voar tem exatamente o sentido do ir, do ir ao encontro de múltiplas realidades. E não se trata de voos que se colocam no lugar do enaltecimento ou na soberania do ego. Antes, são voos para além dos ensimesmamentos que trancafiam a si e a outros.

A liberdade tem este tom, este perfume, é justamente o que visa os verdadeiros encontros. Encontros de almas sedentas por voos em céus inusitados.

A escolha da liberdade torna as escolhas verdadeiras, intensas, profundas. Pois escolhe-se na mais absoluta certeza de que, se por uma circunstância qualquer, há possibilidade de colocar-se alguma algema, algo não está certo. Há algum equívoco, um paradoxo.

Somente na liberdade é que as escolhas, efetivamente, são capazes de gerar vida, gerar ágape.

A liberdade é agápica, é o mais absoluto despojamento.

E o respiro se faz necessário, sem o qual, tudo morre.

NONSENSE (?)

Por vezes parece que as nossas ações, por mais bem-intencionadas que sejam, caem no mais absoluto vazio.

Parece que não basta amar, tudo é lido como relativo, como mera percepção, como se a vida fosse um palco, ou uma arena de argumentações, argumentos estes que se perdem, como num jogo sem sentido algum.

Por que esta luta praticamente insana de redefinir a vida como um conjunto de fatos, absolutos, fechados?

Por que roubar da vida o conteúdo do sonho, da arte, dos sentidos que fazem transcender tudo?

Só os fatos concretos, materializáveis devem ser considerados e todo o resto é ilusão?

O que seria do corpo sem a alma?

E o que seria da fantasia, do lúdico, se não pudessem se manifestar?

Tantas situações paradoxais e que ao mesmo tempo poderiam ser mais simples. Ser profundo, verdadeiro, não é sinônimo de severidade (como rigor em tudo). O mundo é constituído por tantas realidades que o mais sensato seria sermos mais leves. A utopia não é sinônima de alienação.

Acreditar nos sonhos não é sinônimo de uma ingenuidade vazia, mas, infelizmente, os seres humanos parecem preferir um *nonsense*. Ações mecânicas (ou robotizadas), uma praticidade que se perde, que se esgota, que leva ao mais profundo estresse.

Tudo é pesado, se partirmos para este jogo de que tudo precisa ser racionalizado. Na realidade isto é muito triste, dispersa os bons sentimentos, pois machucam a criança que há no nosso íntimo.

Por vezes parece que não adianta, que por mais que coloquemos com uma intenção reta, a descrença no ser é tanta, que ele se tornou um nada.

Tornar-se um nada é ainda pior do que ser considerado uma coisa, pois o nada implica em inexistência. Exatamente por isso que não é o ódio o inverso do amor, antes é a indiferença. Esta machuca pois é portadora de um cálice amargo.

É muito pior do que a ausência, pois nesta os elementos estão distantes entre si, já a indiferença pode estar entre os presentes.

Há que se dar um basta a tantos *nonsense(s)*.

Há que se dar as boas-vindas ao sereno, ao leve, ao que, simplesmente, encanta.

VALE A PENA

Vale a pena diante de situações conflituosas ter a capacidade de respirar, compreender e não se colocar no centro do “tornado”.

Isto em função de vários aspectos, primeiro porque se entramos no centro do conflito não temos condições de estabelecer qualquer tipo de ajuda, pois não se tem a possibilidade de termos um olhar que mais distante da “arena” pudesse, efetivamente, ajudar.

Em segundo, em respeito aos que se encontram nos seus respectivos turbilhões, paradoxos. A nossa intervenção poderia agravar a situação, pois poderiam sentir-se cobrados, expostos.

Em terceiro, por nós mesmos, nem sempre a nossa intervenção pode ser compreendida como positiva e, portanto, a sensação de impotência poderia nos “tocar”, machucar, a depender do grau de afetividade das relações, no sentido de se tratam de pessoas as quais queremos bem e assistir a tantos descompassos, guerras argumentativas, jogos de linguagem... acabam nos fazendo mal.

Mesmo entre os que amamos, e somos sujeitos de estreita relação, é preciso também neste aspecto cuidar.

Assim, é preciso – melhor – necessário, um deslocamento zeloso e sutil.

IGUAIS E DISTINTOS

Durante anos a fio a humanidade protagonizou inúmeras lutas em favor da igualdade. Lutas necessárias, afinal, vivemos longos períodos em que apenas algumas pessoas, algumas castas, eram tidas como iguais. Iguais em dignidade, iguais em valores. Uma escandalosa discriminação que colocava os que não se encaixavam no “conceito” de igual, como algo reles, coisa mesmo, que poderia ser posta à disposição dos pretensamente iguais.

Anos se passaram, minorias ascenderam, novos conceitos foram surgindo com a universalização dos direitos, garantias foram conquistadas. “Somos iguais” passou a ser mais do que um lema, mas uma efetiva meta a ser alcançada.

Nesse processo, pouco a pouco foi se compreendendo que a igualdade é imprescindível na percepção de que somos seres humanos e todos, de igual forma, dignos. Temos em comum a dignidade que a todos irmana.

No entanto, deu-se início nesta “suposta” igualdade uma certa banalização, olvidou-se ou mesmo perdeu-se a compreensão de que existem diferenças. Estas diferenças – até então negadas – passaram a ser vistas como essencialmente fundamentais. Somos iguais, não restam dúvidas, iguais em humanidade, valores, essência, mas somos diferentes.

Há que se reconhecer as individualidades, as características de cada ser. E são estas características únicas, que tornam a espécie humana realmente como algo fantástico (o que não significa menorizarmos, desconsiderarmos as outras espécies).

Temos em comum o fato de que o que de mais igual temos é, exatamente, o fato de sermos diferentes. Uma uniformização que massifica, anula, que aborta a subjetividade é, efetivamente, insana.

Temos uma riqueza a ser cada vez mais difundida, partilhada: “Somos iguais e diferentes”.

A igualdade nos situa na compreensão de que não valemos nada além do que constitui o nosso ser. Não somos piores ou melhores do que ninguém. Somos diferentes e, assim, há que se respeitar a unicidade de cada um.

Tenho, portanto, cada vez mais claro que a “igualdade” aponta que há a dimensão do diferente. Somente assim haverá o acréscimo de duas outras virtudes elementares: o respeito e a gratidão.

O respeito te situa na relação com o outro e a gratidão aponta que este outro nas suas singularidades, é um dom.

É FÁCIL ESCREVER?

Foi-me dito dias atrás que escrever é fácil, basta ter o domínio do idioma, conhecimentos específicos e pronto. Basta escrever.

Confesso que isto deixou-me como que impactada. Será que escrever é efetivamente fácil, portanto, não há mérito algum de Dante Alighieri a Garcia Márquez? De Machado de Assis a Ruth Rocha, Clarice Lispector, Lia Luft e Martha Madeiros?

As origens primeiras de nossa humanidade, tem-se que o ser humano passou a fazer seus registros nas rochas e, desse modo, foi acontecendo um lento processo. A humanidade se reinventou e continuamente se reinventa com a escrita.

Escrever é fácil?

Para muitos, escrever é como respirar – uma condição essencial. A escrita faz parte da sua natureza, como seria para outros pintar, insculpir, cozinhar, representar... algo, enfim, que possa de algum modo revelar essências.

Para outros, escrever é um tormento. As palavras fogem, os argumentos tornam-se ausentes, a linguagem tem limites.

Escrever é fácil?

Efetivamente não sei o que responder, pois para alguns é prazer e para outros, algo deveras enfadonho, distante de suas realidades.

Evidentemente, assim como a arte num todo, existem muitas formas e manifestações. Portanto, não há que se ter uma resposta pronta, acabada. Tudo dependerá do sujeito, de modo que não é possível desdenhar quem escreve com um categórico “escrever é fácil”. Mais difícil ainda quando a escrita é fruto de um comprometimento. Quando o que se imprime é na realidade expressão do teu ser. Seja nos textos “técnicos” que decorrem da tua profissão, da tua responsabilidade diante do ser e estar no mundo. Aí a escrita é fruto de anos de estudo, de trabalho exaustivo e, nestas hipóteses, a escrita flui, como as nascentes.

Se trata de textos literários, nestes são ainda mais visíveis as perspectivas, sonhos, desejos, realidade do protagonista número um da obra, ou seja, o escritor, a escritora.

Não há como ter textos ausentes, desconectados. Afinal, o ser que escreve, o “escrevente” vive mergulhado em um mundo, uma realidade, e este tem uma influência nos seus escritos.

É fácil escrever?

Parece-me que não...

Parece-me que sim...

A MONTANHA E O LITORAL

Qual o significado de subir a montanha?

Alguns significados podem ser codificados. Para se chegar a uma montanha é preciso uma ascética, um processo de elevar-se e distanciar-se na tua realidade. Passa-se a ter uma nova visão, do alto o que parecia ser gigantesco é pequeno. E o que antes parecia pequeno, insignificante, passa a ser visível.

O subir a montanha traz consigo a riqueza do distanciamento; muitas e muitas vezes precisamos nos distanciar pra “acertar o foco”, por vezes embaçado pela proximidade.

É necessário escalar, promover movimentos e respirações profundas. Reeducar posturas e dinâmicas.

É preciso subir, escalar, desacomodar-se...

Por outro é preciso descer e alcançar a proximidade do mar. Pés no chão, na beira da praia, esperando a onda que vai e que vem, um espriar-se infinito.

Teu olhar toca o belo pela proximidade. Como se fosse possível abraçar todo um mar a tua frente. Um espetáculo colossal. Tu és a areia macia que teus pés tocam, tu és o céu azul repleto de suculentas nuvens, sim, pois como olhar as gigantes ilhas de nuvens, sem lembrar do encanto do branco algodão doce?

Tu és o mar que te molha, que te consola. Se vives momentos de dor, tuas lágrimas, que também são salgadas, se confundem com o mar que te chama para um mergulho.

Montanha e mar.

Subir e descer.

Subir para recarregar energias, para alimentar a “capacidade” de mirar. De ver sempre com olhos novos, olhos de crianças, apaixonada e surpresa com tudo que encontra. A vida como um grande e misterioso espetáculo.

É preciso descer, fazer-se e ser pequeno. Escutar, ponderar, aceitar a todas as diversidades.

É preciso descer e ir ao encontro do outro e com ele compreender, rir, brincar, escutar o tão belo e ao mesmo tempo a complexa questão de que é preciso continuamente subir, e é preciso ter a clareza de onde estamos, de onde respiramos – é preciso descer.

POR MAIS QUE...

Por mais que façamos um constante exercício de não centralizarmos sobre o nosso ser todo o “mundo”, isso vez por outra acontece, e quiçá, espero que com cada vez mais, com rara frequência.

Falo isso porque acabo de dar um “fora”. Vejam, tinha dito a uma amiga que iria a uma festa de aniversário. Os dias passaram e eu que recebo um *whatsapp* com a mensagem: “Feliz aniversário!” E a insensível aqui responde: “Não entendi”. Chega outra mensagem: “Mas não seria hoje o aniversário que irias?” Confesso que tive de rir de mim mesma pois, frequentemente associamos um “feliz aniversário” para nós mesmos, e não a um que iríamos como convidados. Ou seja, por mais que nos esforcemos, que fiquemos vigilantes em não sermos ensimesmados, seres “umbilicais”, como situei em um escrito na obra “Humanidades em crônicas”¹, podemos sim, cair nas armadilhas egocêntricas.

Mas de igual forma, não precisamos ser tão carrascos de nós mesmos e fazer disso um motivo para chamarmos Dr.Grilhon (médico criador da guilhotina)... não é necessário.

De todo modo, fica a reflexão de que um “feliz aniversário” pode ser sim, o aniversário do outro... e com absoluta razão... pois com este outro comemoramos, nos situamos, existimos.

“Feliz aniversário” ... do outro.

¹ VERONESE, Josiane Rose Petry. **Humanidades em crônicas**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

DISCURSOS(?)

Hoje a comunicação se tornou facilitada diante da instantaneidade, por exemplo, do *WhatsApp*, que permite que seja por escrito, por voz, e ou mesmo chamadas com voz e ainda com imagem.

Algo efetivamente fantástico! Quantas distâncias foram aproximadas, quantos corações permitem se encontrar de modo mais constante. Também a praticidade de escrever as mensagens, ou gravar áudios/vídeos e enviar em tempo real.

Mas isso não é a todos que agrada. Sempre têm os que entendem que o telefone – mesmo o celular – deveria cumprir a sua função primeira: fazer chamadas, conversar. E que as gravações, entendem, nada mais seriam do que meros “discursos” unilaterais.

Não penso que seja isto, ao contrário. A possibilidade de gravarmos, a entonação de voz permite, ou deveria permitir, uma maior compreensão. De fato, um instrumento a mais de se comunicar, de interagir, de facilitar.

Mas respeitemos, pois cada um de nós vive realidades diferentes, vive histórias distintas e se coloca de um modo ou de outro no mundo, a depender do contexto.

Particularmente, gosto muito das mensagens de voz. Evitam equívocos, quase sempre!

A não ser com aquelas pessoas que gostam ou melhor têm a característica de tudo contestarem, “rebeldes sem causa”.

As gravações são, também, e isto não podemos esquecer, instrumentos de inclusão, livros, filmes... as gravações permitem o acesso à cultura, ao mundo do saber.

Portanto, seja bem-vindo Sr. *WhatsApp*, com suas mensagens de texto, de voz, de vídeo. Seja bem-vindo!

Mas como tudo, vale recordar: “Aprecie com moderação!”.

“SONO”

Terminei de ler o livro “Sono”, de Haruki Murakami, que na realidade se trata de um conto. Devo confessar que foi uma decepção. Por quê? Porque trabalhei por dois trimestres na pós-graduação em Direito na UFSC, na disciplina “Direito e literatura”, a incrível obra “O silêncio”, de Shusaku Endo e, depois, também do mesmo autor: “Admirável idiota”.

Passei a acreditar que a literatura japonesa fosse, toda ela, estupenda. Mas não foi o caso. Esse conto retrata a história de uma mulher que permitiu se tornar uma pessoa comum. Qual o sentido deste “tornar-se” comum? De alguém que amava livros, a literatura e, com um grande esforço pessoal e familiar, que abriam portas para a sua formação, provocou um esvaziamento do seu ser num casamento que a amalgamou num cotidiano sem criatividade. Neste sentido, talvez resida aí o positivo da obra: chocar.

O conto apresenta uma mulher com uma “vida normal”, “um árido normal”, um “filho normal”. Até que, num determinado dia ela deixa de dormir e passa a ler compulsivamente Tolstói, em especial o livro “Anna Karenina”, já o tinha lido na adolescência e que agora o lia com avidez, com fome pelos detalhes, com fome pelo não visto, pelo não percebido.

O não dormir, o estado de vigilância permanente... estaria então aí o sentido, o valor mais preciso deste conto? Revelar?

Revelar que quando fechados não damos possibilidades a novos olhares, novas vivências?

Que uma vida sem criatividade é mera cronologia, em que os tempos se enfileiram?

Por isso é necessário o despertar.

O despertar para novas leituras, novas concepções.

O sono por ele só é símbolo do que não se vive, do mundo do esquecimento.

O despertar é colocar-se em relação com o mundo, quebrar algemas do silêncio. É poder ver luz e escuridão.

Despertar é poder situar-se e dizer: Vivo!

Ora, o livro não foi de todo ruim... despertou...

MONTES E VALES

Sinto que preciso dos dois, dos montes, montanhas... dos vales, planícies. Como se ora precisasse deixar tudo e com poucas coisas escalar. A força da subida é fundamental, por isso não podemos estar sobrecarregados. É preciso leveza, deixar tudo para poder subir. O esforço é grande, pois exige disciplina - o que é essencial numa escalada. Como subir? Onde devo segurar-me e onde situar os meus pés?

E depois, quando se chega, a alma como que abre os braços, os olhos passam a mirar longe, o olhar se perde no último "limite" visível. Tudo é pequeno, como se fossem pontos. Um distanciamento que nos permite mensurar o que efetivamente nos interessa, o que importa. Como se fosse possível um desprendimento de si mesmo e passar a mirar para além, admirar.

Sinto que preciso da planície, em especial do litoral, a proximidade com o mar. Preciso sentir o vento que sopra, as ondas que se espriam infinitamente... a proximidade com o mar te gera uma sensação de que tudo pode ser mais leve, que é possível ser clássico em meio a um modo mais simples de ser. Os brilhos, lantejoulas, *strass* não combinam com os ofuscantes dias do litoral. Já existe muita luz, a beleza por si grita... e não podemos concorrer com este cenário... corre-se o risco de sermos ridículos.

Montes e praias, quantas e únicas belezas, não é possível fazer uma única escolha, melhor é fazer passagens... passantes no alto, passantes no nível do mar.

Seres passantes... seres que vão e que vem... seres que buscam...

TERRA E CÉU

Há dias em que é impossível dizer que terra e céu não se tocam.

Já é tarde, acabei de chegar com meu filhote da universidade, hoje é um dia que não dou aulas à noite, mas ele pediu-me se poderia levá-lo para escutar uma exposição de um palestrante do Rio, que falaria em Florianópolis.

Devo fazer, antes de mais nada, algumas confissões:

- 1) o tema não é que me interessasse neste momento num todo.
- 2) o dia não era o mais propício, havia me dedicado praticamente o dia inteiro, atualizando uma obra.

Mas como negar o pedido vindo de um rosto luz, com amplos olhos verdes e um sorriso que te traz paz?

Como negar o pedido de um adolescente que quer compreender toda uma concepção filosófica acerca de um tema? Não há como negar, pois seria como que negar a cultura, a educação, enfim, em tudo o que acredito e, exatamente, são os valores culturais que constituem o principal norte da educação dos meus meninos.

Agora, devo fazer uma segunda confissão: gostei. Gostei do palestrante, de sua competência e lucidez, ainda que conteste muitos dos pontos de vista por ele apresentados, mas não há como negar que se trata de um professor bem preparado.

Gostei, sobretudo, por ter possibilitado uma doce alegria ao meu filho que, na volta, me agradecia por tê-lo levado à UFSC.

Momentos simples, momentos de pura ternura em que a terra toca o céu.

OLHAR AFINADO

Tenho uma amiga que passa por momentos de profunda dor. Em que se sente - sem justa razão - em situações em que a vida parece não lhe oferecer uma esquina, no sentido de, para onde dobrar; não há uma visível estrada que possa optar de modo seguro, há tão somente como que uma trilha, cheia de percalços, de subidas e descidas, pedras, matos, até mesmo – quem duvida – feras e bichos que possam surgir das sombras.

Sinto muita compaixão, pois como não sofrer frente ao outro que sofre, como não olhá-lo com a mais absoluta ternura e mais, e talvez aí seja o mais difícil, que configuraria um passo a mais. O que seria? Ser portador de esperança. Apresentar alternativas, propostas e presença de modo que essa dor seja, se não expurgada por completo, mas ao menos amenizada.

Quiséramos ter o dom de ser bálsamos frente e ao lado desse outro. Como é importante nessas horas elevar-lhe a autoestima, de algum modo fazê-lo, e fazê-la rir.

Movimentos essencialmente terapêuticos, ainda que não sejamos médicos, psicólogos, sacerdotes..., mas somos simplesmente seres humanos que têm como propostas de suas vidas a dimensão da alteridade.

Não nascemos para vidas fechadas, reclusas em nossos próprios mundos e seus problemas; não nascemos para construir cercas e muralhas, antes nascemos para plantar e fazer surgir jardins, como espaços de respiro, espaços em que se contempla o colorido de cada flor, de cada arbusto...

Este olhar que se volta e se corrige neste jardim é o mesmo que se volta para este outro.

Ter um “olhar afinado” que possa ser presença e presente, que aponte e conduza o outro com uma mão segura para este jardim.

NÃO É FÁCIL

Por mais que cheguemos com um sorriso, com uma boa palavra, um abraço... não se consegue, como que por um passe de mágica, fazer com que o outro, em sua mais absoluta dor, fique bem. Não é nada fácil?

Por vezes, nossa entrada em determinado cenário de dor – com a nossa alegria, pode ser lida como desrespeitosa. Portanto, toda entrada há que ser, necessariamente, autorizada. Não podemos ser invasivos, sequer em nome de uma amizade longa, nada justifica a invasão.

Temos que chegar de mansinho e com mansidão. Sentir o outro, sua dor, fragilidade, sensibilidades. Colocar-se ali de fato, não como uma mera e descomprometida visita, do tipo bastante comum em minha terra: “Passa lá em casa”. Oi!!! Sem dizer o desejo de um dia, de uma hora, de uma real possibilidade.

Estar de fato ali, naquela situa

ção, na mais profunda escuta, no mais profundo silêncio. Um silêncio presente, não ausente. Se neste contexto, é dada a autorização, aí sim se inicia o processo de ajuda. E é lógico que, muitas e muitas vezes, não seremos suficientes. Há de mostrar que é necessário a ajuda de um profissional específico.

Há feridas simples, que amigos sensíveis ajudam com certeza. Mas há feridas profundas, que causam dores emocionais terríveis, para estas dores há que ser chamado o profissional adequado.

Não tenhamos medo, somos frágeis, frágeis e por vezes até quebramos... somos humanos na mais absoluta plenitude e, por isso, quantas e quantas vezes precisamos de ajuda, de alguém que nos auxilie.

O sofrimento pessoal tem, não podemos negar, algo de positivo: nos revela que assim como sofreremos, o outro também sofre. Descortina olhares. A dor, portanto, acentua em cada uma a compaixão frente o sofrimento do outro.

A GRANDE CENA

Não basta querer amar, o outro precisa deixar-se amar.

Nem sempre a forma como percebemos a vida, como nos colocamos no cenário do nosso cotidiano são compreensíveis para o outro.

O nosso ser, o nosso estilo de posicionar-se no mundo é revelador da nossa essência. Muitas são as manifestações, os papéis variados que exercemos, mas a fonte, a base é a mesma. Não há como romper a própria essência, departamentalizá-la. Se por acaso alguém se coloca neste processo, dividindo-o em várias escalas é porque, penso, seu ser nunca foi uníssimo.

De longa data tenho receios com o homem, com a mulher de um livro só, no sentido da radicalização do significado do estar no mundo. Os arrogantes, os insensíveis, os falsos senhores da verdade nos dão uma ideia equivocada de empoderamento e, no mais das vezes, perdem-se.

As pessoas flexíveis são mais leves, não atropelam o ser do outro, respeitam os limites, as configurações do outro. Encantam-se pensar e situarem-se no mundo como uma grande contemplação. Quem tem a capacidade de contemplar, tem também a capacidade de encantar e encantar-se.

A vida é tomada pela poesia, pela capacidade ou, melhor, pela sábia habilidade de admirar.

A vida como um grande cenário em que a cada um é dada a possibilidade de atuar. Não importa se no papel principal, ou coadjuvante. Cada detalhe se faz imprescindível na apresentação do inusitado e irrepetível espetáculo chamado vida.

IMPOSSÍVEL

É impossível não chorar diante de tantas fatalidades que afligem a nossa humanidade.

Por vezes a dor nos toca mais de perto, quando pessoas que amamos sofrem, outras vezes esta dor toma um caráter amplo, atinge a todos; as guerras, todas insanas, seja por qualquer justificativa, injustificável, que nos arrebatam, nos aniquilam.

Fome, desespero, atingem a tantos, o que fazer? O que fazer diante do outro que grita, muitas vezes em silêncio sua dor. Chegam a ser irracionais as medidas tomadas por tiranos que só pensam no poder e não têm um mínimo de compaixão com os seus opositores.

Que humanidade é essa?

Por que nos perdemos?

Por que a ganância, o poder, a intolerância têm se situado como opositoras do nosso sujeito humanidade? Teria alguma causa? Ou muitas?

Um fato é certo, nos desconstruímos em humanidade, nos aniquilamos, quando impomos sofrimento ao outro, seja individual, seja coletivamente.

Violência e dor, as assassinas da nossa dignidade de sermos, simplesmente, criaturas humanas.

IMPACTADA

Quisera que somente o amor, a generosidade, o altruísmo produzisse ou, melhor, provocasse em mim bons impactos. Pois é delicioso ver pessoas se abaixarem para ajuntar algo que alguém deixara cair, nos alegra a alma quando percebemos pessoas que são movidas pela generosidade de se darem, em tempo, em energia, ou desprendimentos.

Causa-nos verdadeira comoção quando podemos ver que as pessoas ainda se ajoelham, em súplicas, pedindo que seu Deus amenize a dor dos que sofrem... é algo grande demais, absoluto mistério.

Mas dia desses fui tomada por um susto, do quanto é real de que muitos ainda vivem em seus mundinhos, se auto intitulam como portadores do bem, que suas presenças são insubstituíveis e que, quando sabem que tantos outros, de modo simples, sem tambores, também são promotores do bem, como que procuram desqualificar a essência desse outro que ama, ou desqualificam o sujeito do amor. Devo confessar que não compreendi. Não consigo entender alguém que tenha a ousadia de desqualificar a conduta amorosa do outro.

Lamento profundamente quando me vejo frente a situações que mostram estas atitudes que, na realidade, são reveladoras de uma absoluta falta de amadurecimento, de um egocentrismo. Talvez estas pessoas sequer se deem conta deste processo, tão ensimesmadas que estão.

Mas prossigamos, não podemos nos deixar abater pela falta de sensibilidade do outro. Há que prosseguir e ver tais fatos como páginas amarelas que precisam ser viradas...

LIBERDADE, QUEM ÉS?

Muitas vezes me questiono até que ponto devemos ter paciência com pessoas, as quais parecem que fazem questão de te machucar, de se colocar numa posição de vigiar teu ser. A obra “Quem te roubou de mim” é exatamente uma análise destas situações.

Na minha sala de atendimento, quantas e quantas vezes vejo situações em que alguém faz do outro prisioneiro e acontece que nem um, nem outro tem consciência do processo, vivem sob amarras que levam a exaustão do ser.

São amizades que se perderam no que mais tinham de belo, a sincronicidade na mais absoluta liberdade. São relações que se perdem, pois deixaram de lado algo precioso, não se pode, jamais, confundir cumplicidade com perda da mágica privacidade.

É preciso ter cuidado para que as relações, em suas várias formas e matizes não se confundam com laços que aprisionam, que destroem os sujeitos. Aí tudo se perde, perde-se a beleza da singularidade, pois fomos reduzidos à massa de manobra, coisificados.

Oh! Como são tristes todas as prisões, janelas, gaiolas... tudo o que é capaz de cercear o outro de crescer, de manifestar a sua mais profunda humanidade, é nefasto.

Tenho verdadeira intolerância a qualquer tipo de amarra. Está na nossa essência o desvencilhar-se, tanto que o primeiro movimento que nos sujeitamos de forma imprescindível – vital – é o corte do cordão umbilical. E assim, quantas situações viveremos, quantos cortes dos mais diversos “cordões umbilicais” ainda viveremos. Se isto não for feito, nos tornaremos dependentes, infantilizados por outro que se situa como o algoz.

É tempo de contínua construção e reconstrução, em que nos habilitamos a ser desaprisionados e, simplesmente, inteiros e livres.

“TROCANDO FOTOS”

Percebo muitas pessoas que têm uma preocupação com as mudanças contínuas em relação ao corpo. Ora são os perfis dos aplicativos que são alterados, ora são os corpos que a cada período são cobertos com tatuagens, *piercings*, cirurgias plásticas, botox, *et alii*.

Mudanças são essencialmente necessárias. A cada dia devemos pensar e agir de modo novo. É fato. Caso contrário apodreceríamos como águas paradas..., mas a questão é: efetivamente nos transformamos ou são meras alterações “*a la verniz*”, maquiagens de imagens, vez que a essência não é alterada. E mais, o que restaria por detrás dessas mudanças? Será que o pretexto camaleão se auto engana e acredita que de fato está se transformando?

Em épocas em que o registro da aparência tem se posicionado como fundamental, é possível mesmo que isto esteja acontecendo. Será que todos temos consciência de que a mera alteração da imagem não implica em transformação do ser? Que as verdadeiras mudanças passam, quase sempre, por longos processos? Impossível que um ser se forme com uma mera maquiagem. As transformações são processos lentos, exigem um tempo, tempo de esperar, constituir-se, de se deixar moldar.

Tudo que diga respeito às aparências é frágil, “desmancha-se no ar”, como uma alusão a “Incontestável leveza do ser”, de Milan Kundera.

O ser, o construir-se dá um imenso trabalho, de profunda transformação. Enfim, há que se enfrentar as reais passagens, as fantasias, máscaras caem... e o que fica? Tão somente o corpo desnudo, assim como é.

SERÁ MESMO?

Hoje uma amiga apresentou-me um autor, na compreensão dela, fantástico, por sua percepção, por sua leitura crítica do sistema de justiça.

Horas mais tarde, outro autor que apresenta seu olhar diferenciado, uma outra compreensão e visão de mundo e seus variados enfoques.

Tive uma sensação: será que tudo sobre tudo e todos já fora criado, redigido, pintado, insculpido? Haveria alguma coisa a ser criada, uma palavra a ser dita?

Tantos papéis, tantos livros, tanta construção de conhecimento, tantas belas descobertas... No entanto, o nosso cotidiano parece estar imerso em uma profunda escuridão, como que tivesse apagado toda a luz. E isto parece ainda mais forte quando se constata tantos jovens incréus. Não falo de uma descrença em relação a um Deus, a uma fé. Trata-se de uma incredulidade com relação às instituições, às organizações. Trata-se de uma descrença com relação ao ser humano. É algo horrível porque mina qualquer projeto, porque corrói essências.

Causa-me um grande medo quando me encontro frente a essas situações. Que mundo é este que estamos não deixando, pois existimos concomitantemente a essa geração, que se aliena frente às situações as quais se sente totalmente incapaz de tocar, alterar.

Frente a esse cenário parece que o mais comum é ausentar-se de tudo, vivendo experiências superficiais, em que a leitura se resume às poucas frases dos *WhatsApp*, às frases do *instagram*. Frases curtas, sem reflexão, sem leitura... para que servirão os milhares de livros, bibliotecas, se há como que um processo coletivo de negação do saber? Forma-se como que uma geração que se alimenta de um sarcasmo e sequer se dá conta desse processo. É triste demais, dá uma sensação de impotência. Como fazer com que se volte a acreditar, que não nascemos para o caos. Antes nascemos para a luz, para o despertar. Como suscitar a crença, o desejo de que é possível transformar realidades?

Uma grande dúvida se abate sobre todos, em especial sobre adolescentes e jovens, mais fragilizados e expostos a esse modelo que estamos inseridos, que viola, agride, que alimenta descrenças, que aliena.

Mas sempre surge um fato novo, surge uma criança – como que guardiões da chama e da humanidade. Reacende a esperança, a vida retoma seu turno, pouco a pouco flores se abrem. Faz-se primavera, o tempo faz reacender nossas vidas, reacende nossa humanidade, como que adormecida por um frio inverno. Renasce a vida.

UM MENINO SE FOI

Comentei dias atrás em sala de aula que me toca o adágio africano que diz: “Toda mãe é minha mãe, todo filho é meu filho”.

Então, fiquei muito sensibilizada com a morte de um adolescente. O ato de ceifar a própria vida é por demais cruel em se tratando de um adulto e de inominável dor quando praticado por um adolescente.

Em tempos de jogos como o “Baleia Azul”, séries e filmes que, infelizmente, para além de enfrentarem o problema do suicídio, acabam por gerar uma percepção que, na realidade, em se tratando de adolescentes, poderia parecer como um mecanismo instigador/estimulador.

Quando se está frente a crianças e adolescentes, em situações de absoluto colapso existencial – como é o suicídio – que extrapola a realidade do indivíduo e de sua família – pois aponta para um problema maior, uma ferida, um descompasso, um desajuste da sociedade num todo.

Sim, é a sociedade que conduz por sua contínua desumanização a estas situações radicais.

E vejam bem, o comum nesta hora é uma visão restrita – o adolescente como “incapaz” (absoluta ou relativa) e a conseqüente culpabilização da família. Que simplismo equivocado!

A criança, o adolescente como sujeitos de direitos encontram-se, portanto, na condição de seres humanos em processo de desenvolvimento, e nesta condição, existem as múltiplas situações de vulnerabilidade. Vulnerabilidades de toda sorte, de todos os tipos – desde a material, a psicológica, a espiritual.

Frente às hipóteses de suicídio constato que não estamos sabendo amar nossa geração de crianças e adolescentes.

Amor este que não se situa numa visão meramente utópica e discursiva, mas um amor que efetivamente cuida, acolhe, que se coloca no lugar do outro e nele se reconhece.

Estamos nos perdendo em humanidade frente a vidas ceifadas. O mundo adulto e todas as suas instituições e aparatos não tiveram condições de ver e

abraçar o grito de absoluta dor que se encontram muitos adolescentes e também crianças.

O isolamento – que em via de regra precede a morte, por si só grita que a sociedade já não o inclui. A sua exclusão, que aponta a cruel dor psicológica, revela a nossa incapacidade de detectar, cuidar, fazer brotar a vida que estava se esvaindo em dor.

A morte em si, nada mais é do que a consumação de uma história que revelava (quase sempre) aos poucos. A vida foi se esgotando...

UMA SEMANA TRISTE

Para quem visualiza o universo do ser criança como espaço da extrema sensibilidade, estamos vivendo um tempo de dor e de profundas reflexões.

Sob o nome da arte, a dignidade do ser criança, em especial, na primeira infância foi aviltada, a ponto de já não sabermos onde está o maior erro e, conseqüentemente, a maior responsabilidade. Se do MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo, na Exposição “35º Panorama de Arte Brasileira – 2017”, que promovendo uma performance do nu, do coreógrafo Wagner Schwartz, em uma sala específica e para a qual, em qualquer país sério, teria de forma clara a proibição da entrada de crianças, foi conivente ao permitir a entrada de uma mãe com sua filha de 5 anos de idade, como também o ingresso de outras crianças neste espaço. Pode-se citar o Museu de Magritti, Bruxelas/Bélgica, o qual tem uma enorme sala, separada de todo o resto do museu, com um Cartaz proibindo a entrada de menores de 18 anos de idade, pois lá constam obras de arte, que não seriam – para um país de primeiro mundo – adequadas às crianças. Portanto, o MAM não pode esquivar-se da sua responsabilidade.

Seria responsabilidade do artista que, ao perceber a presença de uma criança no interior da sala, deveria ter parado a apresentação e não permitir que uma criança, em sua primeira infância, o tocasse?

Seria da mãe a responsabilidade, uma vez que pode responder processo de infração administrativa presente no artigo 249¹ do Estatuto da Criança e do Adolescente, por um exercício indevido do poder-dever que lhe é próprio enquanto mãe? E mais, não bastou o ingresso da filha, esta mãe incentiva a filha a tocar o corpo do coreógrafo.

Mas podemos, ainda, pensar que a responsabilidade é de todos que estavam ali presentes – responsabilidade da sociedade – uma vez que, como aponta o Estatuto citado, em seu artigo 18: “É dever de todos velar pela

¹ Art. 249. Descumprir, dolosa ou culposamente, os deveres inerentes ao poder familiar ou decorrente de tutela ou guarda, bem assim determinação da autoridade judiciária ou Conselho Tutelar:

Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência.

dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” E mais adiante, quando faz referência a Prevenção Geral, novamente, chama ao cenário a questão da responsabilidade social, quando no artigo 70, determina: “É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente.”

Causa-me a mais absoluta estranheza uma sociedade que não se importa com a sua infância em nome de muitos e muitos argumentos, todos, na realidade, reveladores de um adultocentrismo que não permite limite algum. O adulto tudo pode, mesmo que isso implique na coisificação e na genitalização da infância.

Quanta irresponsabilidade, quanta falta não apenas de sensibilidade, mas, sobretudo, de conhecimento, no que concerne a um período intenso chamado infância. Nele, crianças e adolescentes se situam como pessoas – e não coisas - em processo de desenvolvimento.

Não podemos nos calar frente a tantas violações.

A criança precisa ser respeitada em sua dignidade!

VIOLÊNCIA

São tantas as situações nas quais as crianças são aviltadas, que já não sabemos por onde começar o necessário enfretamento, sob o risco de em algum tempo, em algum lugar chamarem de omissa e conivente a nossa geração.

São tantas as violações de uma mídia que explora a criança, sob a justificativa de “trabalho artístico”, é o mundo da arte que está – por parte de alguns – perdendo o seu sentido de belo, de estético, de ético, para permitir violência, em chamamento de corpos nus e crianças, e agravado pela interação.

Em outro cenário, de algo que seria importante – o conhecimento – nas aulas de Biologia a respeito do corpo humano, acabam sendo banalizadas com vídeos grotescos, com incursões em questões que não seriam adequadas para crianças de tenra idade.

E o grande paradoxo disso é que exatamente depois de um grande movimento que agregou educadores, sociólogos, juristas, se obteve um grande avanço normativo, o qual incidirá nas políticas públicas, com o Marco Legal da Primeira Infância, que deu uma maior visibilidade à faixa etária compreendida entre zero aos seis anos de idade.

No entanto, o que assistimos é uma avalanche de violações a estes nossos meninos e meninas.

A barbarização do universo do ser criança não para aí. O Ministério do Trabalho localizou um lixão em Boa Vista/RR, no qual estavam 118 crianças comendo lixo, catando objetos que poderiam ser reciclados, em uma luta sem trégua com urubus. Que cenário é este? Estamos no século XXI? Num país mergulhado na lama da corrupção, o que sobra para nossas crianças é lixo.

Miserável é a sociedade que não cuida dos seus mais vulneráveis.

Há que se agregar vozes e forças. Não podemos nos conformar a tanto descaso, não podemos nos conformar a tanta miséria. Nosso grito de dor precisa ser escutado.

A criança e seu mundo não deveriam ser este que o mundo adulto está lhe proporcionando. A criança e seu mundo deve ser o mundo de uma família,

de uma sociedade e de um poder público que sejam – cada um em sua esfera – cuidadosos e protetivos.

Sim, este é o mundo para o qual devemos nos comprometer: o da dignidade, do respeito, de uma efetiva responsabilidade para com a criança.

“MARIAS”

Um país que tem, acredito, a mais copiosa das bênçãos que é ter como ícone sagrado Nossa Senhora Aparecida, há que ser terra de paz. Uma mulher que é Maria, uma Maria negra, resoluto, transformante. Que se aproxima da simplicidade de um povo, que já se apresenta “queimada” (pele escura) para os três pescadores. Que se faz frágil, com a cabeça quebrada, exatamente para possibilitar que este povo simples a reconstitua. Não chega com coroa, nem manto. Simplesmente Maria.

Olho ao meu redor e vejo tantas meninas, cujo nome de batismo é “Maria”... e, de igual modo, são “quebradas” em sua dignidade. Violadas, injuriadas, maltratadas. Corpos e mentes despedaçados. Quem as reconstituirão? Se é possível esta reconstituição.

As muitas “Marias” que são violadas me fazem recordar o caso quando em 1978, a imagem da Padroeira brasileira foi despedaçada a duros golpes, restaram 200 pedaços. Seria possível este restauro? Uma mulher, uma artista foi chamada. Dias a fio de trabalho duro, delicado... e três meses depois, sob o olhar de jornalistas, cujas lentes marejavam, eis que ressurgiu.

Eis a realidade de nossas meninas “Marias”, destroçadas em quantos pedaços? Será possível que sejam “restauradas” em sua dignidade? Um fato é certo, não poderá ser por obra de uma única artista. A única forma de mudarmos a história destas nossas “Marias” quebradas, aviltadas, é pela obra de uma “artista coletiva”.

O que isto significa? Se todos nós nos colocarmos em ações, projetos de cuidado. Somente assim a Proteção Integral que foi norteadora das normativas internacional e nacional, soará como um canto, uma melodia a ser executada por uma grande orquestra formada por todos nós: família, sociedade e poder público (instituições).

Que Nossa Senhora Aparecida – nossa Senhora quebrada e restaurada – seja o ícone de uma sociedade que efetivamente abandone práticas de violência e seja proponente de cuidado, de proteção.

COISAS ESTRANHAS

As redes sociais podem ser visualizadas em seus aspectos positivos, como uma grande rede que permite a comunicação rápida e em larga escala. O que é fantástico. Mas, diante da sua enorme potencialidade, muita coisa se perde. O que assistimos, infelizmente, é uma avalanche de vaidades, mesmices, “quinze minutos” de holofotes, uma difusão sem fronteiras de bobagens. Quanto maior é a não formação de determinada pessoa, maior o grau de “doutoramento” de achismos.

A manifestação sólida de uma pessoa que embranquece cabelos estudando, é seguida de um incauto que, sem ter a sensibilidade, o discernimento de situar o seu espaço, manifesta: “Mas eu acho... bla, bla, bla...” Melhor não achar nada. Melhor estudar, ler, certificar-se, para então, com a necessária ponderação, manifestar-se, se julgar realmente necessário.

Por isso, por vezes sou tentada a querer, definitivamente, abandonar as redes sociais. Mas isto não é recomendável, pois ela me dá um “termômetro” de como anda a sociedade e sua complexidade.

De todo modo há que se ter muito cuidado. Quantas e quantas vezes presencio discursos de ódio, em outros, a relativização de tudo, condutas pautadas na ética, sendo levemente questionadas. As virtudes sendo palco de deboche... isto tem me causado pavor. O que está havendo? Por que a superficialidade, a “cultura” do oba-oba está se alastrando, qual erva daninha.

Coisas estranhas andam acontecendo na nossa amada Gaia. Quanto desatino, quantas violações, quantos comportamentos superficiais.

Pessoas ao mesmo tempo invasivas, sem nenhum escrúpulo invadem a privacidade de tantos, e outro, evasivas, pois sem profundidade fogem de tudo o que possa ser compreendido como compromisso, responsabilidade.

Tempos estranhos, que têm provocado no meu coração, muitos e muitos questionamentos, quantas e quantas dúvidas.

E quando tudo parece que vai definitivamente ruir, eis que chega um poeta, um jovem, uma criança, que traz de forma absoluta, pura, que o mundo se ressignifica, que valores tomam seus verdadeiros espaços. Isto é algo por

demais lindo, pois te desloca do lugar da incredulidade e te lança no lugar/tempo do sonho.

Mas o sonho compreendido como algo não imaginário, antes significa o lugar/tempo da criatividade, do ver que com fé e muito amor, é possível ter esperança.

AS TRÊS IRMÃS

Somos iguais em dignidade, em humanidade, não restam dúvidas. Mas efetivamente, como somos diferentes.

Três irmãs, três modos distintos de ver, sentir e situar-se perante a vida.

E para melhor visualizar, fotografei as três senhoras e a foto revelou o que de fato já sentia. A mais nova leve, risonha, tudo está bem; a do meio mais ranzinza, um tanto quanto cética de tudo e a mais velha, a mais vaidosa, com uma elegância de quem ama viver, o que traduzia nos gestos, no olhar, no vestir.

Este fato/foto me fez refletir que a nossa imagem é, efetivamente, reflexo do nosso ser, do nosso modo de perceber e estar no mundo. Pois têm pessoas que, fisicamente até são bonitas, mas o amargor as torna, não diria feias, mas estranhas. Vez que a alma ensimesmada não consegue dar luz ao corpo que se revela sombrio.

Por isso não incomum encontrarmos pessoas que, ainda que não muito belas fisicamente, mas que portadoras de uma leveza, de uma serena alegria, que transforma o corpo em beleza singular.

A sincronicidade da energia do corpo é algo extremamente instigante. Não adianta os melhores cremes se o olhar é cabisbaixo, repleto de tristeza, de amargor. Já rostos que podem até ser murchos como maracujás maduros, mas se o olhar tiver a doçura angelical, o rosto nada mais será do que um detalhe... símbolo do tempo... tempos de esperança, do real acreditar.

Diante disso é melhor pautar a vida em boas escolhas, em uma abordagem do ser que compreenda o sentido do ser feliz, pois além de tudo, aponta para um estético belo. Sem sombra de dúvida: nada é mais sábio!

Esta escolha, até por uma questão de inteligência é melhor. Pois que sentido tem escolher o caminho da desolação, do mau humor, da contínua agressividade e de um enfadonho vitimismo? Isso nos leva a que? Ao inegável afastamento de todos? É isso que desejamos, é isso que se quer? De fato, há um grande equívoco nesta opção. Um lamentável erro. Com isso não quero negar que existam circunstâncias de tristeza, dor, desolação, mau humor, cansaço, desesperança, tormentos e tormentas..., no entanto, não são eternos,

a não ser que queiramos eternizá-los. Podemos ficar e até estar tristes, mas não nos acomodemos em ser tristes.

Por isso a importância da saudável escolha, do modo como queremos ser no mundo. Evidentemente que não se trata de uma escolha fácil e feita de uma única vez. Não! É uma escolha que fazemos sistematicamente, como dirijo minha vida e minhas emoções.

Temos uma única vida, momentos únicos, então... vivamos com sadia alegria, na compreensão da ética da felicidade.

A VIDA E SUAS DEMANDAS

Vivemos dias velozes, nos quais temos a impressão de que corremos mais do que os segundos do relógio. Um vai e vem de informações, muitas das quais absolutamente vazias, superficiais, cuja quantidade é tão expressiva que nos leva à exaustão.

Talvez o mais correto seria agir de modo que estas demandas não nos “demandassem” ... aliás, se formos ver no final, se tivéssemos respirado mais e não tivéssemos sido tão imediatos, poderíamos ter com o silêncio – não a cega omissão – ter “falado” mais, pois teríamos temperado o tempo veloz com um toque especial: o da prudência, que é irmã da sabedoria.

Os sábios não permitem que o tempo os violem, por isso que gestos e textos nobres são atemporais. Estão para além de um tempo limitado. A palavra sábia sabe reger o tempo, não é regida por ele.

Tempos modernos parecem incompatíveis com a sabedoria, pois esta pede uma pausa, não ingressa numa insana e inconsequente corrida, para a qual muitas vezes somos impelidos, jogados.

Como harmonizar um comportamento pautado na sabedoria frente os contínuos chamamentos à insanidade do corre-corre?

Não é fácil. Não existe fórmula pronta. Tudo há que ser conquistado, paulatinamente desejado.

Atender as demandas sem que isso implique em nos violentarmos.

Fazer das nossas vidas algo que efetivamente dê um significado à existência humana. Ainda que discretamente nos situemos em um “anonimato”, isto não significa ausência de sentido.

O sentido maior é dar sentidos às nossas vidas, as quais podem ser singelas, sem holofotes e autógrafos, mas nem por isso menos importante.

A vida por si só já é um grande palco. Basta que saibamos a hora de entrar em cena e a hora de deixá-la.

Isto é absoluta sabedoria, é a exata compreensão no nosso existir.

O INSANO

O desrespeito às regras mínimas de convivência é realmente danoso.

Para o que rompe a regra até pode parecer excelente esta ação “livre”, sem limites.

Mas é um absurdo um *WhatsApp* que sonoriza a chegada de mensagens, exatamente na frente de uma placa: “Silêncio”.

Vá entender quem se acha tão dono de tudo, que não respeita regras mínimas de urbanidade.

Estou impactada com uma situação que está bem ao meu lado. Cada vez que o troço do home apita, olho para ele e para a placa, mas a ignorância é tamanha que a criatura nem se toca, ou se “toca”, faz a atitude de “paisagem”, como se nada lhe dissesse. Esta é a situação complexa que estamos imersos.

Um país em que governantes, empresários, políticos de toda ordem, vivem num mar antiético, de corrupção extrema, o país num todo sofre de uma síndrome de crise moral, de um não ligar para com o outro, um individualismo insano.

Cá prossigo eu, esperando ser atendida, ao lado do figurante da alienação humana.

PEÔNIA

Flor não comum. Flor dos que te admiram, também não são comuns. Há um toque de mistério. Há um toque de contemplação. Admirar, verbo que se executa no presente, mas atinge o passado e o futuro.

Não há como simplesmente ser, constituir-se no hoje, pela negação absoluta, alienada do ontem. Também o hoje sem a perspectiva do que o que faço alcança o futuro, sem a dimensão do cuidado com o agora é, também, alienação. Por isso este momento, este já, estes segundos são preciosos. Pois tem-se a memória viva do que passou e nele não ficamos, nos desinstalamos a todo momento com a chegada do agora.

Um agora presente, responsável, comprometido, altruísta. Sim, um hoje consciente: faço agora, devo fazer bem, pois cada ato terá um alcance, que muitas vezes sequer imaginamos.

Peônias que se abrem, reveladoras de beleza, de singularidade.

Somos uma peônia.

Somos um inteiro jardim.

PAIDEIA

Centro de formação completa do ser. A Grécia¹ antiga como este exemplo icônico da Paideia. Não se trata de uma mera adaptação do ser à cidade. Mas a compreensão de sua complexidade. Por isso que educação (Paideia) e cidade (pólis) interagem positivamente. O ser completo a constituir a cidade completa. De fato, há que ser pleno para poder constituir-se cidadão. Há que se estar e ser educado para permitir e possibilitar uma intervenção de qualidade, carecemos disto em nosso país.

Educação! Eis a nossa grande carência. Educação nos dá valores, criatividade, nos dá o pão. Faz-se equivocado um movimento de pão sem educação.

O movimento a ser realizado é educação e pão, educação e casa, educação e trabalho. Sempre a educação em primeiro lugar. Não constituiremos uma nação forte, para qual o elemento povo não tenha uma essência bem formada, constituída por valores, conhecimentos de toda ordem. É necessário um maciço investimento no ser. Caso contrário o tão citado há décadas, ou mesmo séculos, da nação brasileira, não passará de um grande engodo.

Países como a Alemanha e Japão se reergueram de uma cruel II Guerra, reconstituindo-se antes de mais nada com um investimento na educação.

E mais recentemente, a Coreia do Sul, tem sido citada como exemplo de um país com um dos mais altos PIBs, e por quê?

Investimento educacional.

Uma política pública pró-educação deve tronar-se uma política de Estado e não um vai e vem de políticas de governo, temporárias e transitórias. Enfim, a educação apresenta-se como urgente e necessária.

¹ Ainda que conscientes de que não se tratava de uma cidadania efetivamente plena, uma vez que escravos, negros, mulheres, crianças, eram excluídos, inegável é o fato de que se tem ali a semente da democracia participativa.

PELA PAZ

O mundo vive momentos complexos ou a complexidade sempre foi inerente ao ser humano e o que na realidade mudam são os conflitos.

Ainda que esta afirmação seja verdadeira, o que mais me preocupa é que exatamente as classes etárias mais jovens são as mais fragilizadas.

É um aceno à barbárie a quantidade de assassinatos e violência de toda ordem a que estão sendo submetidos nossas crianças, adolescentes e jovens. Tal fato é muito perigoso pois podemos estar gerando uma população sem esperança, e isso é desolador.

Sabemos que as violências sofridas na primeira infância provocam marcas indeléveis, e o que é mais grave, segundo recentes pesquisas na área da neurociência: podem ser transgeracionais.

Tamanhas são as agressões que podemos estar permitindo o desenvolvimento de apáticos. Não há espaço para sonhos, para projetos. A criatividade é aniquilada, uma geração que é negada em sua existência, que tipo de resposta dará? Mais violência, mais alienação?

Por isso que não é brincadeira, ou mero discurso piegas a constituição de um movimento amplo, responsável, que consiga captar o maior número de interessados, uma grande mobilização capaz de lotar praças e outros espaços públicos, em favor da paz.

É urgente um chamamento público a favor de uma cultura de paz, pois já não mais é suficiente obstar a violência, é urgente algo a mais: o envolvimento no processo que dê voz, elementos de uma cultura pacificadora.

Cada vez que uma criança, um adolescente, um jovem são violentados nos desconstituímos da nossa humanidade, tornamo-nos pequenos e vazios.

Algo urgente precisa ser feito. Não é possível que fechemos nossos olhos como se nada tivesse acontecendo ao nosso redor. Felizmente, não posso negar que também existem muitas pessoas, muitos grupos e instituições que se dedicam pela causa da paz, no entanto, parece que o que falta é uma maior visibilidade sobre estas boas práticas, boas iniciativas. Os holofotes estão, quase sempre, endereçados para o sofrimento, para o sangue, para a dor. E são tão

fortes que parecem ofuscar as ações pela paz. Mas tenhamos consciência: elas existem e não são poucas. Insisto, o que precisa é ser dado espaço midiático – todas as mídias possíveis – de modo a demonstrar que somos muitos os comprometidos com um mundo mais justo, fraterno e feliz.

O PAPEL DA MULHER NO “PROCESSO CIVILIZADOR”¹

Quando passamos um olhar sobre a história da humanidade, constatamos que muitos são os registros marcados por guerras, intolerâncias, massacres... a ponto de questionarmos: e a mulher como se situou neste processo? Como sabemos e, infelizmente, fomos caladas, massacradas.

Sobre o dia 8 de março, muitos consideram que esta data tenha sido instituída a partir de um incêndio criminoso, ocorrido em 1911, no dia 25 de março, em uma fábrica têxtil da *Triangle Shirtwaist*, de Nova York, no qual estima-se que 130 operárias morreram carbonizadas². Não restam dúvidas que tal tragédia marcou as muitas reivindicações que nortearam o século XX, mas o momento no qual se tem a origem da data é outro, que exatamente sinaliza o grande papel da mulher como construtora de paz. Foi, portanto, em 8 de março de 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, que cerca de 90 mil mulheres operárias na Rússia organizaram um manifesto contra as más condições de trabalho, a fome e a participação russa na guerra, em um protesto que ficou conhecido como “Pão e Paz”.³

Desde então, a data foi escolhida para lembrar a mobilização para a conquista de direitos da mulher. Somente depois da Segunda Grande Guerra, é que a Organização das Nações Unidas (ONU) assinou o primeiro acordo

¹ A expressão “processo civilizador” é de Norbert Elias, autor do livro “O processo civilizador”, segundo o qual o estudo sociológico das teias de interdependência indica que as coerções ou forças sociais têm origem na própria teia de interdependência formada pelos indivíduos. De acordo com a teoria sociológica, desde o início de suas vidas os homens existem em interdependência; e uma parte da teia de interdependência tem origem nas necessidades biológicas dos seres humanos, que desde os primeiros momentos de suas vidas necessitam dos cuidados e da atenção dos próprios pais. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungun. Ver. E apresentação de Janine Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Texto escrito para a seção em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, em 8 de março de 2018, promovida pela Câmara dos Vereadores do município de Biguaçu/SC.

² Na compreensão de Eva Alterman Blay, muito provavelmente a morte das trabalhadoras da *Triangle* tenha sido incorporada ao imaginário coletivo, por seu cruel impacto, e em razão disso, acabou sendo, desde a década de 1950, como a origem do Dia Internacional da Mulher. É uma das pioneiras em estudar o direito das mulheres no Brasil, e foi a fundadora do Centro de Estudos de Gênero e dos Direitos da Mulher da Universidade de São Paulo. A senadora Eva Blay, dedicou seus estudos na temática das relações de gênero, violência, identidades étnicas; e imigração judaica. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/blay-eva>. Acesso em: 2 mar. 2018.

³ Disponível em: <https://agencienciaweb.wordpress.com/2013/03/08/por-que-em-8-de-marco-se-comemora-o-dia-internacional-da-mulher/> Acesso em: 6 mar. 2018.

internacional que buscava princípios de igualdade entre homens e mulheres. Portanto, em 10 de dezembro de 1948 foi adotada e proclamada pela Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas, a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Este tratado defende a igualdade e a dignidade das pessoas, refuta toda e qualquer discriminação, opressão, e reconhece que os direitos humanos e as liberdades fundamentais devem ser aplicados a cada cidadão do planeta⁴. Destacamos:

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

No início da década de 1960, o movimento feminista ganhou força e, em 1977, a data “8 de março” foi oficialmente reconhecida pela ONU.

Mas não paramos, não desistimos e por quê? Porque descobrimos que se nos unirmos teremos uma força maior. Pode até ser possível e, infelizmente, calar a voz de uma mulher, que grita o seu lamento, na obscuridade e na invisibilidade da sua dor. (Daí a importância do documentário de Ângela Bastos: dar visibilidade à invisibilidade negatória de direitos)

Mas é impossível calar o coletivo.

E também neste descortinar a história, cada vez mais é necessário avançar, por isso no título está escrito: **O papel da mulher no “processo civilizador”**, ou seja, o que fizemos, o que estamos e ainda faremos com as nossas histórias, com a história da humanidade.

Primeiro, gostaria de pontuar que entendo que a duras penas devemos ter a compreensão do que o efetivo estar e ser da mulher no mundo é, antes de mais nada, compreender que não devemos repetir os formatos, os moldes masculinos. Precisamos compreender que o efetivo processo de transformação social implica em termos um novo olhar e um novo agir: não precisamos da guerra, nenhuma guerra é santa ou justificável. O papel da mulher no processo civilizador é fazer chegar não somente a outras mulheres, mas a todos, que devemos substituir a arma pela caneta, os tanques e arsenais de guerra pelos

⁴ Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>. Acesso em: 6 mar. 2018.

livros. Por isso até mesmo a palavra “luta”, “batalha” pelos direitos da mulher devam ser ampliados, ressignificados, com vistas a um grande movimento de reconhecimento – nos reconhecemos enquanto humanidade.

O século XXI deve se situar e propor como um novo período civilizatório, no qual não mais será possível admitirmos guerras, discriminações, violências de toda ordem, que na realidade rompem com um princípio que a todos nos irmana, a fraternidade, explicitado na Declaração Universal de Direitos Humanos.

Uma segunda e breve análise que gostaria de compartilhar acerca deste efetivo processo, é destacar as grandes mulheres: no cenário mundial como Madre Tereza de Calcutá, Chiara Lubich, mulheres que deram suas vidas pela causa da humanidade; no cenário brasileiro, podemos citar Irmã Dulce, Dandara, Tarsila do Amaral - Pintora e desenhista brasileira, a compositora Chiquinha Gonzaga, autora de mais de duas mil músicas de gêneros diferentes, foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil e tantas outras, com destaque a Maria da Penha Maia Fernandes, líder de movimentos em defesa dos direitos das mulheres e vítimas de violência doméstica — ficou paraplégica ao levar um tiro do marido enquanto dormia. Seu nome virou Lei em 2006, estabelecendo o aumento das punições às agressões contra a mulher e uma série de medidas para proteger a integridade física e psicológica de mulheres vítimas de violência.

De igual modo podemos situar as nossas catarinenses. Vejamos a nossa primeira parlamentar: Antonieta de Barros, jornalista, escritora e educadora, destacou-se como a primeira negra brasileira a assumir um mandato popular na Assembleia Legislativa de Santa Catarina, pioneira no combate à discriminação dos negros e das mulheres. Num primeiro momento precisou do pseudônimo *Maria da Ilha*. Escrevendo o livro “Farrapos de ideias” compreendeu que deveria enveredar-se pelo caminho da política.

Na literatura, grandes são os nomes a começar por Ana Luiza de Azevedo Castro, com o romance “D. Narcisa de Villar” (1859); Júlia da Costa, Edla Van Steen; Eglê Malheiros, ou mesmo em Biguaçu, a Professora Dalvina de Jesus Sirqueira (“Estrela”).

Em tantos outros campos, os mais diversos, tivemos mulheres que marcam com suas vidas a história, como é o caso da nossa brilhante catarinense, Dra. Zilda Arns, nasceu em Forquilha, médica pediatra e

sanitarista, a qual extrapolou fronteiras com a Pastoral da Criança, sendo mártir em Porto Príncipe, no Haiti. Uma mulher que mudou a história de milhares de crianças, crianças marcadas pela fome e pela desesperança.

Gostaria de concluir esta breve análise com as suas últimas palavras, no discurso que proferiu na Igreja que sobre ela desabou, as quais são de uma ternura única:

Como pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho nas árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, deveríamos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los⁵.

⁵ RAMOS, Lucy. Zilda Arns: o último discurso de uma cidadã planetária. **Amor e paz sem fronteiras**. [s. l.], 25 jan. 2010. Disponível em: <http://www.amorepazsemfronteiras.com/2010/01/zilda-arns-o-ultimo-discurso-de-uma.html#ixzz58dblw3Vo>. Acesso em: 2 mar. 2018.

“PAZ E BEM!”¹

A possibilidade de escrever uma breve percepção sobre Marcelo Câmara é, antes de tudo, um mergulho no transcendente. O jovem Marcelo, que no seu encontro com cada pessoa cumprimentava com um “Paz e bem” e um largo sorriso no rosto, antecipava nestas palavras o sentido da ressurreição, como um antes, pois viveria a sua *via crucis* posteriormente, nos seus quatro anos de dor aguda. Mesmo assim, como a sua biografia retrata, era ele quem consolava os que vinham lhe consolar, como que, por uma alquimia cristificante dissesse: “[...] não choreis por mim...”²

Não conheci Marcelo antes de 1997, somente depois do seu retiro espiritual do Movimento Emaús e, como sabia que, como ele, também era católica, as aulas que ministrava não geravam momentos de embates, em que ele precisasse defender suas crenças, convicções, pois simplesmente, nossos olhares se cruzavam e eu ministrava as aulas naquela turma tão especial.

Estamos diante de um jovem virtuoso, de um jovem santo? Não restam dúvidas. Em tempos de tantas violências, de vulgarização dos gestos, da descrença dos valores, eis que este jovem condensa em si a possibilidade de santidade, e nos faz compreender, melhor, contemplar, este menino e, quiçá, uma multidão de santos e de santas do anonimato: “Eles não são do mundo, como também Eu não sou. [...]”³. Ou seja, estão neste mundo, mas não são deste mundo.

Assim, em muitas e muitas ocasiões situam-se “contracorrente” como seres humanos que escolheram a pureza, os gestos e palavras comedidas, a ponto de, ainda que jovens, como é o caso de Marcelo, terem o dom de aconselhar – o “não convém”, como repetidamente admoestava.

¹ Texto escrito para a seção em homenagem a Marcelo Câmara, em 20 de março de 2018.

² Lucas 23:27. E uma grande multidão seguia a Ele, inclusive muitas mulheres que choravam e pranteavam em desespero. 28 Porém, Jesus, dirigindo-se a elas, as preveniu: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; antes, pranteai, por vós mesmas e por vossos filhos!”

³ **João** 17:14. Eu lhes tenho transmitido a tua Palavra, e o mundo os odiou, porque eles não pertencem ao mundo, como Eu não sou do mundo. 15 Não oro para que os tires do mundo, mas sim, para que os protejas do príncipe deste mundo. 16 Eles não são do mundo, como também Eu não sou. ...

E numa postura que somente as almas singulares têm: não julgava, não magoava, não tecia comentário algum sobre ninguém. As palavras eram dirigidas para a edificação do bem, do conhecimento acerca da doutrina, da fé. Mas isso não significava que Marcelo não admoestava (corrigia), o fazia sim, mas com ternura e seriedade: “vida interior, meu amigo”.

A santidade de Marcelo é daquelas muito especiais, lembra-me muito a da jovem italiana Chiara Luce Baldano⁴ acometida pela mesma doença. Que tipo de santidade é esta? Quando as suas virtudes individuais são tão claras e profundas que geram ao seu redor, já em vida, uma avalanche de enamoramentos por Deus, por sua palavra. Diria, simplesmente, quando o indivíduo provoca o coletivo.

Enfim, gostaria de concluir que 2008 foi um ano abençoado: No dia 14 de março, parte para o paraíso Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, seis dias antes, como que para preparar uma festa para a chegada em 20 de março de Marcelo, o jovem santo com formação jurídica. Ouso afirmar que ambos são os Santos Protetores de “Direito e Fraternidade”⁵, que nasceu naqueles mesmos anos de 2008, no dia 11 de setembro.

Agora, além de Santo Ivo (patrono dos advogados) ou mesmo Santo Antônio, temos este jovem santo: Marcelo, que tinha o sonho e o firme propósito de santificar o mundo da justiça.

⁴ “No dia 7 de outubro de 1990 Chiara Luce deixa este mundo. Um último sorriso ao pai, Ruggero, e depois uma palavra à mãe, Maria Teresa: «Mamãe, seja feliz, porque eu o sou!». Uma grande multidão participa do funeral, e, como ela mesma havia pedido, Chiara é sepultada com um vestido branco, «como uma esposa que vai encontrar Jesus».

«Os jovens são o futuro. Eu não posso mais correr, mas quero passar a tocha para eles, como nas olimpíadas. Os jovens tem uma única vida e vale a pena usá-la bem!», ela havia dito pouco antes de morrer. Os 25 mil jovens presentes na cerimônia de sua beatificação, dia 25 de setembro de 2010, demonstram que, com a sua vida, Chiara Luce Badano testemunhou um modelo de santidade que todos podem viver.”. Disponível em: <http://www.focolare.org/pt/news/2012/10/29/beata-chiara-luce-badano/>. Acesso em: 12 mar. 2018.

⁵ Referência à instituição do Núcleo de Pesquisa Direito e Fraternidade, no âmbito do Centro de Ciências Jurídicas, da Universidade Federal de Santa Catarina.

ESCRITOS E LIVROS

Quando se conhece grandes livrarias, com um fascinante mundo que é produzido/editado, somos como tomados por uma pergunta feroz: Por que escrever?

É ainda possível dizer algo novo diante de milhares de obras?

Certamente não! Penso que praticamente seja deveras impossível criar algo totalmente novo, sem qualquer tipo de referência. Não há como!

Somos a nossa construção cultural, somos a influência dos livros sobre nós, nossa formação. Portanto, até nossas escritas passam a ter tons dessa influência.

Isto não significa dizer que não sejamos criativos. Sim, podemos e devemos ser. Mas a criatividade passa a ser consequência de todo esse processo. Processos de maior ou menor interação com a cultura, com o saber.

É desse grande espectro que uma possível criatividade nasce. Ela interage, se impõe, constrói autonomia, e ela também avança. Por isso continuemos, continuemos na arte da escrita, que expressa nosso ser, que expressa e revela o nosso ser/estar no mundo.

O “EU” APAGADO

Uma certa conversa fez-me analisar sobre a complexidade do que se atribui às produções literárias. Será que se trataria de uma fugaz exaltação do “eu”? Afinal, este “eu” tem alguma relevância, de algum modo prepondera?

Tomada por tais reflexões, não contendo em mim mesma, fui pedalar até a praia. Ventava muito. Sentei-me na fina e branca areia, peguei um ramo seco e escrevi: “EU”.

O vento se intensificava e em poucos segundos, sim, não demorou sequer meio minuto, apagou completamente o “EU”.

O que este fato materializado, visível, fez-me pensar? Que, exatamente, quando a vida é pensada única e exclusivamente no “eu”, ela se apaga no tempo.

Qual o “eu” que se prolonga no tempo, o que alcança, necessariamente, o coletivo. Tudo que se fecha num “eu”, finda.

Com isso não quero dizer que tão somente os grandes homens e mulheres que deram suas vidas pelo atemporal são os únicos que efetivamente ultrapassaram a barreira de um “eu” e firmaram-se no coletivo... de Shakespeare a Michelangelo; de Machado de Assis a Oscar Niemeyer. Estes sim, incontestavelmente, mas há os muitos outros “eus” da alteridade, que se firmaram no silencioso anonimato.

Por já terem alcançado a compreensão de que o “EU” se esvai, pautaram, conduziram suas vidas na atuação concreta, no mais das vezes invisível do “nós”, no coletivo.

Percebe-se que muitos têm no presente uma desconfiança na humanidade, olhos banhados de sangue que veem no outro, nada mais do que um inimigo a ser combatido.

Que horror! Quanto erro nesta análise. Acredito em uma outra possibilidade, como a que via dias atrás em um monastério, em que uma irmã Clarissa, diante do que ela acreditava como sagrado, não apenas se ajoelha, mas deita-se no chão e o beija. No sentido mais absoluto da negação do “EU”, na compreensão de um verdadeiro “TU” que conduz ao nós.

Fiquei perplexa com esta cena, que não me sai da memória visual há dias.

Atos como estes e tantos outros em que homens e mulheres gritam o reconhecimento da nossa humanidade, estabelecem uma refinada sincronicidade entre o que somos em nossas individualidades, e o que nos tornamos neste viver coletivo.

PROCESSOS

A consolidação do bem não é algo simples, é constante a luta entre o bem e o mal que temos no coração. Este processo é o que nos torna essencialmente humanos. É o que faz sentido habitar no planeta terra.

Se tivéssemos tão somente a irretocável pureza, absoluta bondade dos anjos, não seríamos humanos. A nossa beleza está na constante superação. Vencer nossas barreiras, nossos limites e, colocar-se a caminho.

Por vezes sentimo-nos tão pequenos, como que incapazes de continuar, como se o peso fosse além de nossas forças. Mas o mais interessante é o contínuo desejo de não desistir, de compreender, inclusive, que os senões, as dores, as incompreensões, as angústias eram como que “combustíveis” para crescermos em humanidade. Claro, tudo na exata dose, pois caso contrário, e de fato isto acontece com muitos, que existem situações, sobretudo as grandes perdas, que são como que super dosagem, que conduz a tantos a depressões, como se a vida lhe fugisse pelas mãos.

Que difícil processo... que dolorosa situação, o que fazer?

Algumas vezes o amor, a presença de alguém que amamos acaba como que amenizando a dor; o carinho, a escuta que conseguimos dar, cai no outro como um miraculoso bálsamo.

Mas há circunstância outras em que pela sua complexidade, grau de sofrimento, se faz necessário uma intervenção mais pontual, terapêutica, em suas múltiplas variações.

O que tudo isso nos indica? Nossas fragilidades e ao mesmo tempo, nossa capacidade de superação. Isto é absolutamente fantástico: somos humanos, com “toque” divino.

CONSUMISMO

O consumismo que é vendido nos Estados Unidos é tão absurdo, que as pessoas já não dão mais conta. Um excesso lamentável que beira a loucura. Comer demais, comprar sem parar, falar todo o tempo... as paradas são necessárias, são silêncios protetores, que nos revigoram e nos reconectam com a nossa essência.

O cenário que na terra do Tio Sam é vendido, acaba por ser assustador, o monstro do consumo apavora, pois é revelador da mais absoluta compulsão. Enquanto tantos países encantam, pela arte, pela cultura; os Estados Unidos vendem e se vendem.

A que vivência, a que grupo pertencemos? Será o da “turma” da alma, nas palavras do poema Anam Cara?¹

Quem não cultiva, alimenta o interior, acaba por ser atraído pelo exterior, o mundo das coisas, que com a sua falsa luz, cega. A sensibilidade, os valores, não habitam o externo.

Mas não há que se colocar regras, ditar concepções. Pois é preciso que se dê espaço à opção. A liberdade deve nortear as minhas construções. Agora, que essa liberdade não se perca e se aprisione em padrões reveladores de pouca humanidade. De ilusões fantasiosas pelo que é efêmero.

Chega a chocar quando nos deparamos com situações de absoluto descompasso de realidades. O exagero de alguns no que concerne ao consumo pode indicar uma série de questões. Primeiro, um “toque” (compulsão) por compras, sem se dar conta do que se compra; pode indicar, em segundo, um vazio existencial que precisa ser preenchido com a matéria, o que restará impossível, pois não se preenche a leveza da alma, com o peso das coisas; pode indicar também uma grande alienação social, um não olhar o que está do meu lado ou mesmo distante, com suas reais necessidades. Sim pura alienação, puro egoísmo, pura falta de senso sobre a realidade.

¹ A expressão, escrita em língua gaélica, tem o significado de “amigo(a) da alma”. É o título da obra de igual nome de autoria de John O’Donohue (2000).

Mas o que fazer? Em algumas situações é possível mudarmos certos cursos, mas em outras, impossível, resta-nos nestas hipóteses aguardarmos e torcer para que o rumo dessas histórias, histórias vazias e/ou esvaziadas, sejam alteradas. E que se tome o curso da essência.

CENAS

Por estes dias tenho visto cenas inusitadas para a minha realidade. Pessoas, como que, ensandecidas pelo excesso de consumo. Não restam dúvidas que todos precisamos nos alimentar, vestir nosso corpo com dignidade, respeitadas as necessidades de cada um.

Mas todo excesso causa um estranho impacto, por isso ficamos perplexos, pois efetivamente a ânsia de compras pode ser reveladora de tantas coisas, de profundos vazios, vazios da alma, vazios de significado, ou mesmo pode estar associada a patologias.

Depressão, ansiedade podem resultar também na obsessão por compras. Se não dermos conta, este comportamento pode “contaminar”. Não por acaso, toda atenção é necessária. Todo cuidado é pouco. E por quê? Para que mantenhamos a nossa lucidez de estar nestas situações extremadas e não nos identificarmos com elas. Com seus cantos sedutores, como se fôssemos fantoches da deusa do consumo.

ALIENAÇÕES

Uns se alienam numa pseudo alegria, em consumos exagerados, festas intoxicantes e, outros ainda, na dor.

Sofrer, todos sofremos. Não restam dúvidas. Mas também ela precisa ser compreendida dentro de uma dinâmica maior. A dor é processo, não existe justificativa alguma imaginarmos um ser que vive de modo absoluto e num querer consciente na dor. Não, isso não se justifica. Este comportamento é doentio, vitimismo ou mesmo uma severa patologia.

Portanto, há que se estar atento, ela também pode, infelizmente, alienar. O que sofre e se faz náufrago no mar da dor, por vezes não quer jogar um sinalizador que identifique o seu lugar: de que dor estamos, não aceita um bote que lhe vem resgatar. Estamos diante de um sofrimento ensimesmado, que não vê, não escuta o outro que vem em seu socorro, e quantas e quantas vezes, de modo completamente gratuito. Não se tratam de psiquiatras, psicólogos, sequer bombeiros... são simplesmente seres humanos que, de igual modo, fizeram ou ainda fazem profundas experiência de dor. São estes que fazem ver que toda dor, por maior que seja, pode ser sublimada.

Mas há que se ter um movimento interno, um ir, um acreditar, um colocar-se frente ao outro e dizer-lhe firme: sim, é possível. Possível por quê? Porque não estou só. Ainda que esta dor seja “minha”, no cântico do poeta “é a parte que te cabe neste latifúndio...”, e dela – a dor – não há como fugir, mas há que se ter o enfrentamento.

E neste processo de vida/dor, a presença do outro e de tantos outros é bem-vinda, transforma vida/dor em vida/amor.

“JOÃO DOIDO”

Há de se reconhecer que os processos de reivindicações são necessários, mas é impossível não dizer que, em especial nos dias de hoje, em que vivemos numa rede de interdependência, uma greve como a dos caminhoneiros é cruel. E mais cruel é saber que nossos governantes deixaram que se estabelecesse o caos para só então, entrar de modo sério a favor de uma negociação.

Vivemos dias difíceis. Quantos prejuízos econômicos, quantas situações de desamparo, lembro das cenas que vi de noivas chorando... pois fora suspensa a celebração, o assassinato de um sonho.

Com a greve, rotinas alteradas, universidades, escolas, creches, paralisadas, nos hospitais, somente as absolutas emergências. Neste contexto, o maior prejudicado, o povo. Já em tudo sofrido, já tão violado.

Agora relato o que aconteceu comigo. Como não tinha como me locomover, peguei um táxi, com o Sr. João. Acredito que quando o caos se instaura, as pessoas em suas individualidades, também se perdem. Logo no começo comecei a escutar um “bip, bip...”. Era a sonorização do veículo, pois o motorista se negava a colocar o cinto de segurança.

As lombadas, e eram muitas, como se não existissem, sentia-me num *buggy* andando pelas dunas do Nordeste, sendo quase que atirada de um canto a outro do carro no banco de trás. Comecei a ficar tensa, um motorista que refletia os descompassos, os desmandos do país. Lá estava eu com aquele senhor no táxi.

Graças a Deus, depois de muitos solavancos e freadas bruscas, cheguei ao meu destino e me livreí correndo do “João Doido”.

MUITO MAIS QUE UM “RASCUNHO”

Conversava, dias atrás com minha irmã, que considerava as maquinações para o mal, a pior das escolhas que um ser humano possa fazer.

Perder tempo, gastar energia para construir teias de maldade. Para que? O que leva um ser humano ou muitos a esta opção? Ganância, poder, dinheiro... tudo isso e muito mais.

Em algumas pessoas parece existir um prazer sórdido em ver outros infelizes, em destruir valores, em demolir instituições. Algo extremamente perverso e, talvez, doentio. Mas nem sempre há que se justificar como “doente” alguém que constrói (que paradoxo!) planos para o mal. Na realidade, a maioria dos casos é por desajuste moral, ético. Nada de doença. São ações conscientes, que se articulam.

Falei em paradoxo ao dizer anteriormente sobre os que constroem planos com vistas à destruição do outro, isto porque na minha concepção a palavra “construir” deveria sempre nos dar uma ideia positiva de edificação do bem, mas nem sempre e, infelizmente, é assim.

Mas a razão primeira desta crônica é o fato de ter localizado um cartão que me fora dado por uma aluna do doutorado em direito da Universidade Federal de Santa Catarina que dizia: “Como sonhei com o dia de hoje. Se ele é realidade, devo tudo a quem viu no ‘rascunho’, uma possibilidade de arte. Gratidão! ...”

Esse é um dos cartões que deveríamos ter para sempre nos nossos baús, sobretudo para que em determinados momentos, em que por “n” razões possamos estar meio tristes, localizá-los, pois ter de fato a oportunidade de ser arquiteta do bem que, de algum modo, implica em ser um instrumento na realização de sonhos, é algo fantástico. Provoca no nosso ser uma enorme alegria, é como se fôssemos encharcados de luz.

Alguém poderia dizer que se trata de uma insignificante ação individual. Será? Até pode ser lida como uma ação pequena, mas jamais insignificante, pois quando se abrem as portas de gaiolas, quando se quebram algemas e se dá a

possibilidade de alguém voar, não é algo pequeno, antes, gigantesco. É permitir que alguém esteja lá, no seu espaço, em céus abertos.

Céus abertos em que o ser se toma na mais absoluta criatividade, em total conexão: o ser que inspirado no bem e no belo, segue por este caminho e, no processo, somando outros...

SOPHIA

Fui tomada por um sentimento de leveza ao conhecer Sophia. Uma jovem cadeirante na sua doçura ao despedir-se da mãe, na entrada do curso de Direito da UFSC. Uma ternura de mão dupla, da mãe e da filha.

Ali, naquele espaço de/tempo de despedida.

Podes ir Sophia, só com a tua cadeira de rodas, que te faz rodopiar nas múltiplas situações de alegria, de festa. Que te faz ser veloz, nas circunstâncias em que o tempo não espera, querendo tragar a todos, indistintamente, em alta velocidade.

E o que dizer das incontáveis horas do estar ali, fixada à cadeira, fixada em um tempo que, em ti, gera magnanimidade, paciência e, em especial, sabedoria. Certamente residem nestas horas, os maiores tempos de Sophia, ali estuda, trabalha, pensa, reflete, ora, analisa ou mesmo... chora.

Sophia não é apenas sinônimo de superação individual, como muitos em similar condições, ela é reflexo de um conjunto de amorosidade. De um penar em todas as horas, no sol, na chuva.

Penso que determinados limites, em especial os físicos, nos fazem reconhecer a importância do outro em nossas vidas. Como se tornassem explícito que vivemos numa teia relacional. Somos dependentes uns dos outros.

Diante desse quadro pergunto-me: por que e para que perder tempo com quadros de guerra, de sentimentos pobre, vazios de significado?

Estando frente a Sophia(s), Pedro(s)... que lutam firme em superações cotidianas, parecem-me ridículas as reclamações não fundamentadas de tantos.

A vida é um episódio único, sem reprise, é um entrar em cena, do jeito que se está e, avidamente, assumir as rédeas. Esta vida é minha!

O TEMPO E AS MULHERES DO DIREITO

É comum escutarmos que o tempo nos pertence. Verdade! Mas nem sempre é possível vivermos de modo absoluto esse tempo.

As mulheres do direito (e neste caso, os homens também) têm suas agendas pré-definidas, pautas de audiências, sessões, prazos, agendas, aulas, palestras, todas marcadas e, quase sempre, com grande antecipação. Agora, o que é interessante que esse estilo de vida profissional acaba por marcar e estruturar nossas personalidades, nossas vidas.

Diz o jargão: “O uso do cachimbo entorta a boca”, de fato existem tantos tempos previamente definidos que passamos a nos definir – uau! isto é complexo – como “mulheres da agenda”, “senhoras de um tempo”, que efetivamente não nos pertence de modo absoluto. Somam-se a isso as outras “agendas” pré-estabelecidas pelos outros contextos, outros papéis que exercemos. Mas como somos “uma”, não dissociamos nosso ser, isto faz com que este estilo nos tome, ou sejamos tomadas por ele.

Brinco, mas talvez seja algo extremamente sério, não é fácil, tranquilo, ser amiga, amigo, de mulheres do direito... somos terríveis, pautadas... ui, que horror!

Por isso a importância de ter ao nosso lado pessoas que pelo seu grau de importância em nossas vidas, nos advertem e, portanto, como não ouvir. Mas isto nem sempre é fácil, romper com essa formatação exige um esforço hercúleo, exige pegar com nossas mãos e com muita força as rédeas do tempo.

Quantas vezes me pego atropelando os que me cercam com um “diga, diga”, no sentido de: “Apreste-te!”. Que estranho! Será que beiramos a insensatez? Não sei!

A solução que me parece plausível é a consciência. Somente a compreensão que vai se constituindo aos poucos, de forma serena, é que te fará desconstituir a outra, o outro, da formatação.

Não é fácil. Nada fácil. Exige um processo de harmonização, exige... tempo.

INTERVENÇÃO IMPERTINENTE

Seguidas vezes encontro-me em situações, nas quais parecem que não temos como interferir. Na realidade, uma possível intervenção seria impertinente, imprópria.

“Impertinente”, o sentido da palavra fala por si só, como algo que não te pertence, assim como “impróprio”, como o que não te é próprio. Portanto, estamos no delicado território do outro. Se ele te permite adentrar, aí sim estaríamos no espaço do pertencimento, na adesão a um desejo, a um querer. Todo o resto, toda e qualquer outra possibilidade é invasão.

O invasor não quer adentrar, quer, antes, tomar, esbulhar. Não deseja se fazer pertencer, comungar, partilhar. Não há alteridade, no sentido de profunda adesão e respeito ao outro, como também, não há a compreensão da liberdade. Liberdade de abrir portas, fazer ares frescos entrar, permitir a absoluta compreensão do outro.

Caso isso não ocorra se trata de um discurso vazio, palavras ao vento. Nada acontece e, simplesmente, ecos de uma grande caverna.

Não é fácil se deixar entrar, é preciso vazio, silêncio, escolha. Sim, a escolha como fruto de uma consciência livre, não manipulada, sequer pelas suas expectativas.

Seja em ternos relacionamentos, seja em termos terapêuticos, a liberdade é fundamental. A alteridade encontra seu verdadeiro significante em espaços marcados pela liberdade.

Se por algum motivo não estamos ou não nos encontramos livres, as entradas serão sempre impertinentes, pois não nasceram da adesão e sim da coerção.

A compreensão do outro precisa desse espaço, desses estados. Nos pertencemos em liberdade e na liberdade... o resto é impróprio... impertinente.

A ESTRANHA

Há estranhamentos extremamente positivos, pessoas que, pelas situações mais inusitadas, nos surpreendem. Às vezes nos chegam encharcadas de sabedoria, de alegria; outras de bondade, de compaixão.

Nos dá absoluto prazer ter a possibilidade de conhecer pessoas assim – de tantos gêneros, de tantas características tão únicas e inusitadas.

Tem pessoas que são medianas, chegam e vão, ora até nos tocam, mas na sequência se anulam, se situam no campo do comum.

Há uma outra variação de ser, que se tem a impressão de que uma sombra a envolve, que não conhece a suavidade dos ventos, das brisas; que não arde frente ao novo, algo que te surpreende como se tivesse sob um sol, que queima suave nas primeiras horas das manhãs de verão.

Nada a surpreende, é como se o vitimismo se instalasse e o mundo tivesse uma contínua e imprescindível dívida para com ela(s). Pessoas não somente tristes, pois a tristeza é, no mais das vezes circunstancial, ainda que, a depender do caso, possa ser longa, arrastar-se por grandes períodos.

Não se trata, portanto, da tristeza, da tão respeitosa tristeza. Trata-se, antes, da mais absoluta obscuridade frente à vida. Tudo é peso, os percalços são ou tornam-se maiores que a própria caminhada. E isso é por demais estranho. Dentro das variações das distintas funcionalidades, a obscuridade rompe com qualquer uma delas.

Sem sombra de dúvida há que se ter compaixão, mas nem sempre, por mais zelosos que possamos ser com a harmônica relacionalidade, há casos que nos fogem. Estão para além da compaixão, no sentido da nossa intervenção direta. Talvez sejam os casos nos quais é preciso que nos reconheçamos pequenos, insuficientes e incapazes de uma ajuda direta e que, exatamente, em razão de uma clara alteridade faz-se imprescindível reconhecer – ainda que isto possa ser extremamente doloroso – que não temos condições de ajudar diretamente, que a melhor atitude é indicar, apontar a pessoa, as pessoas, os profissionais habilitados a, efetivamente, ajudarem essas pessoas com vistas a saírem desse quadro de vitimismo e estranhamento.

É cruel constatarmos que em determinadas circunstâncias não é suficiente a acolhida do outro que sofre – este até pode ser o primeiro momento – mas na sequência, há que se indicar pessoas com competências e habilidades específicas com condições de atuar nesses casos.

Acolhimento, respeito, sim, são indispensáveis, como também humildade, pois constatar que não damos conta de todas as dinâmicas, emoções, traumas de muitos que nos chegam.

Sim, é preciso ter a humildade de indicar e, também – o que muito dói para os sensíveis – se distanciar, o que não implica em abandonar.

APRENDI... / HOPE...

Dias atrás ouvi uma escritora, a qual tanto admiro – Lya Luft¹, e entre uma fala e outra, disse algo que me tocou: “Que não devemos ser tão ansiosos, impossível dar conta de tudo”.

De fato, quantas e quantas vezes temos esta ansiedade, como se tivéssemos que dar conta de tudo, o que é absolutamente falso e deveras doentio.

É evidente que precisamos ser responsáveis, atentos, não alienados, termos o real compromisso com a humanidade. Mas isso não significa dar conta de tudo, sermos ou nos situarmos como onipresentes. Não! Isso é loucura, isso não pertence à nossa “normalidade”, a não ser que – e pode acontecer – com grandes almas, chamadas a atos heroicos... atos santos. Pessoas que, com o mais absoluto desprendimento tornam-se ícones de alteridade. Mas isso não é para todos, até poderia ser, mas não o é.

Nós, míseros humanos até temos o desejo de poder conciliar tantas coisas, dar atenção a muitos, cuidar, zelar e, até curar. Podemos fazer tudo isso por algum tempo ou, por muito tempo. Mas a demanda é gigantesca, parece não ter fim e, não tem mesmo. Por quê? Porque maiores estão os conflitos, as dores, sofrimentos, ante uma sociedade de estranha complexidade que se perde e perde-se em essência. A energia a ser demandada é tamanha que se corre o risco da Síndrome de Burnout², o cansaço dos bons.

Nesta sociedade de alta complexidade, onde tudo parece facilitado pelas tecnologias, perdemos algo essencial – a simplicidade. Todos se fecham, se isolam, se enclausuram em suas mesmices e egoísmos mais absolutos.

É cada vez mais difícil a coligação de pessoas para fins que extrapolem a luta cotidiana do “pão nosso de cada dia”. Há como que um sufocamento do coletivo, uma busca desenfreada em tão somente garantir-se. E este estado

¹ Lya Luft na palestra: “Famílias em transformação”, em 8 de junho de 2018, no Congresso do Mercosul de Direito de Família e Sucessões – 8 e 9 de junho – Gramado/RS.

² Esta síndrome também chamada de Síndrome do esgotamento Profissional, foi assim denominada pelo psicanalista alemão Freudenberger, que tem como característica o desejo de ser o melhor e sempre demonstrar alto grau de desempenho, a qual pode levar a um grau de fadiga física e emocional absolutas.

acaba por gerar espécies variadas de carências. Enchem-se os consultórios, vendas exorbitantes de medicamentos.

Nesse cenário, portanto, pode ser comum, muito mais do que possamos imaginar o *Burnout*. Sim, podemos ser acometidos por um cansaço que, de igual modo, precisa da mais absoluta atenção, cuidado. Pois ele se dá, exatamente, nos que se doam sem medidas e que não têm alguém que os chamem atenção, para que também se cuidem, se poupem. Caso contrário, poderão adoecer.

Mas não é fácil para alguém que tem uma formação ética, uma estrutura psíquica moldada pela compaixão, ter esses *stops*. Estes seres veem, a toda hora o sofrimento de tantos e tantos que deles, delas, se aproximam.

Tudo isso é real! Mas há que se ter a sabedoria que, por mais bem intencionados que possamos ser, não daremos, jamais, conta de tudo. O que fazer então? Fazer bem no limite do teu espaço, do teu ser no tempo, o que precisa ser feito e, penso, que o mais importante, seja o chamamento de outros para esta “Escola do bem”, escola que alarga o olhar para as múltiplas necessidades de todas as áreas, de todos os ambientes. Aí se dará a verdadeira revolução que não adoecerá os “virtuosos”³, pois eles terão também o seu tempo – necessário tempo de energização.

Afinal, não somos poucos, somos muitos. Portanto, é sim possível construir o bem, que não se situa numa e sobre uma única pessoa, mas um bem que brota de uma ação coletiva. Pode até ser que em certas circunstâncias sejamos o maestro, mas o maestro se curva tanto para a plateia como também para a grande orquestra. É essa orquestra que efetivamente realiza.

Sim, a orquestra do bem, da bondade, da compaixão.

³ No sentido de artistas que alcançaram altíssimo grau de conhecimento e domínio técnico na execução de sua arte.

FOCO DE AMOR

Às vezes somos surpreendidos por acontecimentos que nos fazem refletir sobre a quantas anda o nosso existir. Ao tomarmos um determinado caminho se não estamos nos “perdendo” em bifurcações, não que estes sejam caminhos negativos, não, mas são ruelas, e não a via principal. De sorte que energias são demandadas, sem que tal dispêndio fosse realmente necessário.

Portanto, há que se tomar o caminho principal e ficar atento às sinalizações. Não raro os caminhos outros, paralelos, até podem ser interessantes, também possuem suas belezas e lugares raros, mas não é o “teu” caminho, talvez, ou melhor, quase sempre são os caminhos de outros, são os principais de outros. É preciso ter o discernimento para compreender, fazer as leituras precisas dos acontecimentos.

O tomar o “teu” caminho também importa em duas singularidades: o compromisso sério com a nossa essência, com o nosso eu. Não devemos ou não nos permitamos nos perder pelos trajetos. Aí a importância das pequenas paradas – os *stops* existenciais, que podem ser feitos de inúmeras formas. Para alguns as reflexões, outros as meditações... não importa o método, a forma, mas em todos se faz necessário o silêncio. O silêncio te dá a capacidade de se auto escutar. O cotidiano com seus afãs nos proporciona, com certeza, bons sons, a música... em especial, mas há também os sons negativos, o barulho da cidade, buzinas, máquinas... enfim, que parecem querer bloquear o teu processo de escuta. Torna-nos surdos para nós mesmos. Isso não é bom, não mesmo.

Em segundo, que talvez – penso – decorra do primeiro, é a responsabilidade com o “teu” caminho. Não é do outro, não é de ninguém, é teu. A tua escolha absoluta e, conseqüentemente, o que dela decorre. E não é fácil, por vezes parece ser, na realidade é mais cômodo tomar acessos, becos... mas não são os teus caminhos. São, antes, ruelas. Portanto, há de se ter um foco preciso: foco de amor!

“CURAS”

Muitos e possíveis são os processos de cura – o curar, tão necessário, por situações múltiplas que tenhamos ou ainda estejamos vivendo.

Cada um de nós possui características próprias, realidades várias, desejos distintos, portanto, há que se “localizar” qual o melhor caminho – o teu próprio, nem mesmo o que fora apresentando por um terceiro, ainda que bem-intencionado. A escolha tem que se dar num processo de consciência e liberdade.

Consciência de teu agir ético, de teus compromissos, antes de mais nada com o teu ser, e, na sequência, com o teu compromisso de humanidade. Não somos amebas isoladas, somos seres que vivem várias comunhões, uma delas, a principal e talvez a mais “simples”, vivemos todos na mesma casa da “mãe” Gaia (mãe terra).

E em seguida a liberdade – possível liberdade tão duramente trabalhada, sobretudo considerando os muitos contextos, vivências, nos quais somos e estamos inseridos, mesmo que não o desejemos, quantas condicionantes são “impostas” ao nosso ser, nos formatando, constituindo, para além da primeira, já tão complexo de marcas, a nossa constituição genética, para a qual não temos capacidade alguma de influenciar. Mas outras sim, as condicionantes de natureza emocional, social, econômica, política, religiosa..., as quais podem, ainda que com grande dificuldade serem trabalhadas – a duras penas – com esforço no mais das vezes hercúleo.

Portanto, para as inúmeras feridas que todo esse contexto possa suscitar, há que se ter o teu mecanismo.

Muitas vezes é necessário o psiquiatra, em outras o psicólogo, outras o pastor, o padre... o amigo, que vêm corroborar nesse processo de cicatrização.

Mas existem outros instrumentos que podem ser usados isolada ou concomitante. A música, a pintura, a literatura... enfim, o amplo cenário que possa se dar no campo da arte.

Há, ainda, processos de reabilitação emocional que se realizam com escutas, as mais diversas, e também com a escrita. Mas nada precisa ser visto

de modo isolado, podem ser usados vários instrumentos ao mesmo tempo, ou em tempos diferentes.

No momento – para a minha realidade enquanto sujeito – tal processo se dá com e através da escrita. A escrita é reveladora de teus compromissos individuais e/ou coletivos. Na escrita se é capaz de se colocar a essência, o que há de mais preciso no teu modo de ser/estar no mundo. É algo fantástico e a escrita, portanto, como instrumento de “cura”.

Na escrita se é capaz de se abstrair da realidade e expor teu ser verdadeiro, concepções, carências, fragilidades, desejos, sonhos... e tudo isso é muito importante num “possível” processo de cura interior, que a vida por número infindo de circunstâncias te proporciona.

A escrita é revelação. Ela é manifestação de substantivos, adjetivos, verbos, artigos, definidos e indefinidos... A escrita te faz compreender com suas linhas e entrelinhas, as linhas e entrelinhas das nossas vidas.

Mas insisto, ela é um modo, um instrumento. Cada um de nós há que se localizar e situar-se no seu. No único e exclusivamente seu.

MILAGRES

Não consigo entender como muitas pessoas conseguem ver a vida, somente naquilo que é possível vê-la – materialmente falando.

Hoje presenciei algo grande: pessoas se encontrando, pessoas em fusão de sentimentos. Tive a grande alegria, um enorme presente mesmo, pois é constatar a divindade da nossa humanidade. É constatar a nossa humanidade que se deixa encharcar do divino. Uma cena que grava a nossa alma, tal qual um ferro em alta temperatura se fundindo, onde está o ferro, onde está a brasa. Uma coisa só!

Assim, somos nós nos encontros em que, em meio à imperfeição que nos é própria, atingimos o centro, a magnanimidade do outro.

Essa fusão pode ser nominada de múltiplas formas, penso que a que mais se aproxima em razões é a alteridade.

Na alteridade o outro é absolutamente aceito, reconhecido. Todo preconceito anterior, cai por terra. O vazio se estabelece para que se tenha espaço para a mais pura escuta, se abre todo espaço para que se tenha condições de ressignificar o outro, aceitá-lo e, por vezes, aninhá-lo.

A aceitação da complexidade do outro é algo ímpar, talvez impossível de plena definição. Não por se tratar de algo abstrato, mero sentimentalismo, não! Antes trata-se da constatação de que a complexidade humana se torna, digamos, simples, com o fato de nos atermos à necessidade de abertura ao outro, de colocar-se no lugar do outro.

Enfim, na lógica da alteridade, o milagre da alteridade.

SÍNDROME DE ESTOCOLMO (?)

Podemos ser levados a pensar que a “síndrome” que veicula a vítima ao seu vitimizador possa se dar em escalas de absoluta violência. De fato, o que se denomina como Síndrome de Estocolmo nos conduz a incomensuráveis violências.

Mas existem outras “síndromes”, nem sei se o correto seria tal qualificação, pois são aquelas que decorrem – e vejam, em sua maioria têm o amor em sua raiz – de relações que aos poucos foram se deteriorando ao ponto de se tornarem doentias.

Relações nas quais o que vem em evidência não é a compreensão do outro com suas especificidades, seu conjunto de diferenças que tornam o outro, a outra tão interessante, tão rico em valores e complexidades, que dele(a) não queremos nos afastar, pois é como se tivéssemos em um jardim com as mais diversas e lindas plantas, flores com seus perfumes, seus aromas – o lugar não comum. O lugar da afinidade da alma onde ela encontra paz, se harmoniza e se alimenta de serenidade.

Infelizmente, as relações que adoeceram e os que nela estavam envolvidos não perceberam que algo precisava ser feito. A diferença que antes era motivo de risos, de admiração, passou a ser campo de hostilidade. Guerras infundáveis, para tudo se apresentam argumentos, a razão é trazida a toda prova. Como se a vida fosse um processo judicial, em que tudo racionalmente precisa ser juntado aos “autos”.

Lastimável! A vida em sua intimidade não deve ou pelo menos não deveria alimentar tais duelos. No dia-a-dia, essa rivalidade, esse discurso de tudo ter que justificar é extremamente perverso e, também, doentio.

Relacionamentos que querem impor verdades, que não se deixam envolver pela escuta serena da serenidade que vem do outro. Por que se armar todo o tempo? Por que o prazer e necessidade de contrariar? O viver cotidiano não é o estabelecimento de provas e contraprovas, isso até pode ser construir ciência, mas não construir relações.

Sábio o que vê o outro como um sol que aquece, que dá luz. Pronto! Isso fortalece as relações, as tornam “clarificadas”. Pessoas que minam o nosso ser merecem ser ajudadas, mas depois, se nada adianta e tendem a conosco repetirem comportamentos violentos ou o que também pode acontecer, o nosso estilo, o nosso modo de ver o mundo pode, vez por outra, acionar o gatilho da intolerância. Então esta relação tornou-se viciada, não temos condições de interagir de modo positivo e sim os profissionais da psiquiatria e/ou da psicologia precisam ser chamados, para as suas precisas intervenções.

Acontece e, não muito raro, que pessoas que amam e/ou são amadas passam por tais processos. E inúmeras são as razões que possam ter concorrido para a transformação de uma relação amorosa, de afinidades, em uma relação grotesca, conflituosa, na qual o negativo do outro (a) é posto em evidência.

Isso não é saudável, não é justo que trancafiemos o nosso ser nas “gaiolas” de relações que se perderam, que se macularam. Há possibilidade de recomposição, restauração, muitas vezes sim. Em outras hipóteses o melhor, o mais prudente e sensato é o afastamento.

VEJO

Vejo ao meu redor tantas pessoas que sofrem. Dores múltiplas, variadas. Dores físicas, que destroem corpos, dores emocionais, que destroem almas.

É difícil saber como posicionar-se, como ajudar, como orientar..., mas por outro lado, cada vez mais tenho compreendido que não é necessário nada disso. O que importa mesmo é colocar-se ao lado de quem sofre. Um olhar, um abraço, um aperto de mão, um sorriso... eis o mais precioso, o mais rico, o mais raro: a disponibilidade. Pois a ajuda “profissional” em regra se tem. Contratos se estabelecem, tratamentos, consultas, enfim, a necessária e imprescindível presença técnica/profissional.

Mas falo de um outro lugar, o não “contratado”, o simplesmente relacional. O que nasce da mais absoluta gratuidade de tempo, de colocar-se diante do outro, estar e ser com o outro.

Residem aí dois importantes elementos, ou melhor, duas razões que nos constituem em essência: compaixão e alteridade. Sim, sentir em nossa humanidade, todas as dores que se abatem sobre o outro – compaixão – e ter a consciência do colocar-se no lugar do outro – alteridade.

A partir daí valores outros como tolerância, respeito, benignidade, seriam como que “resultantes”.

Quem se coloca na dimensão da história, da dor do outro, passa a reconhecê-lo como sujeito em todas as suas diferenças, daí decorrem a tolerância e o tão necessário respeito. Vejo tantos sinais de ódio por todos os lados – da esquerda à direita – perde-se a capacidade de respeitar e, assim, corremos o risco de tornarmo-nos como feras, em implacável discurso do ódio.

As redes sociais parecem impregnadas deste discurso que nos antagoniza. O diferente que deveria ser motivo de encantamento é visto como perigoso. As diferenças não são aceitas e também os que se situam como “não aceitos” – reproduzem o que condenam, ou seja, passam a ser multiplicadores do ódio.

O distinto, o diferente que seria elemento caracterizador da nossa rica humanidade é pobremente reduzido a antagonismos vazios e esvaziantes. É preciso um movimento verdadeiro: resgatemos o ser, nos resgatemos como humanidade. Forte e frágil. Diferente. Simplesmente humana.

FEMINISTA, FEMINISMO, FEMININO

Infelizes o homem e a mulher que rotulam. Não somos mercadorias que possam ser categorizadas.

Somos seres humanos, nos constituímos como essências, valores, consciência, elementos intangíveis.

Tenho muito medo, ou melhor, verdadeira aversão por carimbos. O que é ser feminista? Um movimento, uma concepção, uma escolha?

Se formos analisar a história da mulher, tanto sofrimento, tanta coisificação, tudo durante séculos nos era roubado. Portanto, muitas histórias, muitas mártires, muitas que deram suas vidas pela causa da dignidade da mulher. Em tempos distintos, reivindicações distintas. Pode-se falar, portanto, de um único feminismo? De modo algum. Ondas distintas, pautas distintas, concepções das mais diversas. Um fato é inegável e comum a todas as formas de “feminismos”, somos sujeitos – sujeitos de direitos.

Também é fato que muitas mulheres se perderam neste processo. Explico: para se alcançar direitos, usaram-se as mesmas “armas” masculinas. E isto é péssimo. Somos distintos. Não precisamos ser homens para nos constituirmos como mulheres.

O uso da intolerância, do ódio, das armas pode nos colocar no mesmo patamar do homem. Não é esta a igualdade que desejamos. Ser igual no que é efetivamente contestável – a guerra. Sim, “nenhuma guerra é santa, nenhuma guerra é justa”, já nos adverte Norberto Bobbio.

A igualdade desejada é igualdade de direitos, de condições, de acessibilidade. Igualdade em dignidade.

Agora, nos situemos no que nos distingue e cada vez mais nos conscientizemos da dimensão própria do feminino. A criação nos é intrínseca. A nossa capacidade de ver, de ter compaixão é algo fantástico. O ser feminino nos empodera de modo distinto.

Não precisamos de armas, temos a sabedoria, não precisamos do ódio, temos a compaixão, não precisamos do preconceito, temos a essência da acolhida, a compreensão do ninho.

Não precisamos do julgamento que afasta e bloqueia o outro, pois temos a essência da alteridade.

COMPETÊNCIA E COMPAIXÃO

Vejo ao meu redor pessoas marcadas por dores tão diversas. Para além do meu jardim, de igual modo, o cenário é desolador. Pessoas se digladiam por causa da política, as redes sociais trazem pautas de violências sem limites.

O que está acontecendo? O que está havendo com o ser humano?

Estamos nos fragilizando por um lado. O coração se compadece com os olhares tristes, vozes sem som, corpos que não se sustentam e curvam-se...

Por outro, as relações humanas são tão complexas que, para não adoecermos, é necessário quando o trabalho se agiganta para além das nossas forças e/ou capacidade, um certo “stop”.

Sim, é preciso parar tudo quando o esforço de fazer o bem, pode também te adoecer. É preciso ter a sabedoria para compreendermos que, por mais que possamos nos colocar no lugar do outro, nem sempre conseguimos amenizar a dor do outro.

Há dores tão abissais, como se fosse possível um único ser conter em si uma guerra civil, tamanha a dimensão da desolação, como se em um caso pontual, fosse possível uma larga ajuda humanitária. Pode até parecer meio ilógico, mas não o é.

Por vezes, um ser humano traz em si tanta dor, sua família, seu entorno, a própria pessoa, que se faz necessário um “batalhão” do bem na busca de alternativas, na busca de instrumentos, competências que consigam aliviar, suavizar o caos que se instala.

Competência e compaixão se fazem imprescindíveis. A compaixão alarga a dimensão do nosso ser na colhida do outro. Saber que ali se encontra um “outro tu”. É perceber de modo claro que a humanidade em pleno século XXI está mais frágil que em tempos anteriores.

A competência é um chamamento precioso. Aponta que em inúmeras circunstâncias é preciso ter a humildade em reconhecer que, por mais que queiramos bem a uma pessoa, nem sempre conseguimos, efetivamente, resolver a situação. Por isso contar com *experts* nesse cenário é imprescindível.

Por vezes a nossa compaixão se situa, até mesmo, quando o outro se nega a querer ajuda. Nega tudo e a todos.

Somos frágeis, incompletos. Somos só... humanos.

NEM SEMPRE

Há circunstâncias em que o coração deseja amar, colocar-se a serviço do outro que, visualmente sofre, e não podemos. Por uma questão desafiadora e complexa: este ser não quer. Não permite aproximação. Se fecha em sua angústia, em seus problemas e, por vezes, cerra-se em sua casa.

Portas que se fecham, argumentos dos mais inusitados são utilizados para a não aproximação. O contato com o outro não é algo querido, desejado. Algo completamente estranho.

Nos séculos passados as pessoas com problemas corriam para a comunidade, acreditavam e confiavam no ninho de com todos – a comunidade – comum unidade. Ou seja, um modelo social capaz de cuidar, de buscar alternativas, uma verdadeira ajuda mútua.

Já no século XXI, de exacerbado individualismo, de redes sociais – que dão a ilusão de que vivemos numa aldeia global solidária – pura ilusão, as pessoas se perdem, se fecham. Vivem experiências cruéis de fechamento, porque não mais acreditam em si mesmas e no outro. Uau! Que sociedade é essa? O que está acontecendo conosco, viventes do belo planeta terra. A grande mãe – a Gaia – que a todos acolhe, enquanto nós, os humanos, não sabemos nos acolher uns aos outros.

Há situações em que até se configuram tentativas de ajuda, compartilhamento, que resultaram positivas. Que bom! Isto nos enche de esperança, mas em outras situações, em especial, referentes a indivíduos que se fecham, nem sempre conseguimos.

Por “n” motivos alguns sentem que o melhor caminho é o isolamento. O isolamento, fechamento insano que, posteriormente, resultará no: “Quando eu mais precisava, não tinha um “outro” amigo...” Mas como? Quantos outros amigos se aproximaram e foram, taxativamente, barrados.

Portas foram fechadas! Situando-se tais hipóteses em verdadeiros “vitimismos”. A pessoa, acredito, que, de modo inconsciente, se posiciona como a vítima histórica. E, insisto, é inconsciente.

A pessoa não se vê vítima, injustiçada. Alguns mecanismos internos são acionados e por fim, sente-se profunda e absolutamente abandonada. O que fazer?

Antes de mais nada, o respeito. E, na sequência, a tentativa de fazer ver que esta pessoa está precisando, urgentemente, de uma ou algumas assistências. Profissionais da psicologia e da psiquiatria serão, nessas hipóteses, os verdadeiros anjos. Os que de modo efetivo poderão fazer com que essas pessoas, nossos amigos, consigam superar suas dores, traumas, violações. E o nosso papel é o de estarmos presentes. Presentes e conscientes de que esta tormenta passará. Sim! Passará!

UM TIPO DIFERENTE

Pessoas e seus mundos distintos. Variadas personalidades, gostos de todos os tipos.

Poderemos “nomear” como amigo aquele que vivendo momentos de dor, fragilidade, se afasta de todos, sabendo que quem estava ao seu lado tinha conhecimento da sua dor e que estava firme, “a postos” ao seu lado, sequer precisava chamar, bastava um aceno e simplesmente some?

Pode ser considerada normal uma atitude como esta? Estaríamos frente a uma fobia social ou a um episódio de cansaço de todos? Talvez...

Um fato é certo, dentro de uma relativa “normalidade”, se estou precisando desconectar-me em razão de necessidade, um trabalho, um estudo, uma viagem. Mas um fato é certo: uma porta fica aberta. Sempre com alguém ficou estabelecida uma conexão.

O disfuncional está quando não existe nenhuma possibilidade de conexão, quando todas as portas foram cerradas. Não se sabe onde o sujeito está, em que condições está. Se bem ou não.

Reside aí o perigo. Diante de fatos como este, é possível continuar como amigo, amiga alguém que te exclui de processos, sem chance alguma de contato? Os mais exigentes em termos do conceito de amizade dirão: não existe! Não existiria aí sementes de um relacionamento. Outros dirão de forma jocosa: é possível sim, estamos frente a “gasparzinhos”, fantasmilhas que vão e vem... e não restam dúvidas, são camaradas.

Ambas as possibilidades, a depender dos contextos são aceitáveis. Mas entendo que seja necessário agregar outro elemento: a compaixão, pois alguém que se exclui consciente ou não, deve ser sujeito de profunda consideração. Pense a dor, a angústia, o descrédito em si próprio dessas pessoas.

Não resta outra alternativa: há que se ter compaixão.

DIZ A CANÇÃO

“Quando a gente ama, simplesmente ama...” diz a canção de Osvaldo Montenegro.

De fato, quanta simplicidade, pureza, existe no amor verdadeiro. Tudo é simples, tudo é ternura, tudo se revela.

Infelizmente, um dos elementos não facilitadores desse amor são os revezes da vida, os traumas do crescimento.

Quando se é mais jovem, o amor – o inusitado amor – guarda consigo este encantamento. O primeiro amor, fora do âmbito familiar, fora do ninho da mãe. O primeiro amor em outros espaços, outros lares, outras gentes.

O primeiro amor que está em busca de novas realidades, experiências.

É tão lindo visualizar estes sentimentos em adolescentes, jovens. Tudo se arrisca, tudo vale a pena. O simplesmente amar faz o maior sentido nesta fase, nesta rica etapa do desenvolvimento humano.

Amor, simplicidade, pureza parecem ser uma tríade perfeita. Tudo é belo, alegria, festa.

Infelizmente, o crescer por vezes pode macular esse sentimento. Portanto, cuidemos desta semente sensível. Cuidemos para que não violemos o puro amor e o puro coração de quem ama. O amor precisa de um guardião, precisa que nós o protejamos. Precisa ser guardado, visto com olhos de ternura.

SURPRESA

Sábado de manhã estava lendo alguns textos na internet e, um deles, em particular, chamou-me a atenção, pois fez-me lembrar de uma das minhas orientandas de doutorado, vez que um dos argumentos da tese incide, em determinado aspecto com um texto que acabara de ler.

De um modo muito natural lhe enviei com um bilhete: “Este texto te interessará”. Qual não foi a minha surpresa que ela ao agradecer reportava ao fato de que mesmo às vésperas da semana do Natal, estava a me preocupar com os orientandos e suas respectivas pesquisas.

Mas, efetivamente, eu não fiz nada de absolutamente extraordinário, simplesmente o envio de um primeiro material e depois outros. Afinal, qual o sentido do Natal? Não é o compromisso de fazer nascer um mundo melhor? Em que as pessoas não simplesmente se preocupem com os outros, mas que de fato se ocupem com os outros?

E esta “ocupação” pode dar-se de tantas formas, a depender das características, dons, talentos, de cada um.

Vejo que muitos se ocupam em visitar asilos, levar carinho e presentes para os nossos “seniors”, tantas vezes esquecidos e adoecidos com uma doença que passa a ser crônica: a solidão.

Outros angariam brinquedos, doces para levar, juntamente com brincadeiras, músicas, aos nossos pequeninos, ou já crescidinhos, que vivem em instituições. Quantas ações belas, de fraternidade concreta.

Diante desse quadro de amorosidade, a transmissão, comunicação de conhecimentos, passa a ser algo extremamente pequeno, uma micro gota. No entanto, é esta a minha contribuição para os sedentos de saber, para os que têm fome de análises.

É Natal, tempo de fazer ninho, no sentido de prepararmo-nos para receber e, sobretudo, para doar.

É Natal, tempo de luz que clareia toda a treva.

IMPRESSIONADA

Fico impressionada com as razões apresentadas para as muitas fugas da realidade. Ora se servem do seu bem-estar, ora não querem se intrometer onde não são chamados.

Pessoas se fecham em seus individualismos, sim, “individualismo” e não individualidades, não se comprometem efetivamente pelo outro, com o outro, como se esta causa não lhe interessasse.

E, some-se a isso o fato de uma agressividade incomum, diante, inclusive, das dores, frustrações de outros. Como se fossem devorados por uma raiva, um ódio que não encontra qualquer justificativa. Mais do que antagonismos e conflitos, tais fatos estão a demonstrar como que uma “doença” social, reveladora de uma grande crise de valores, de não compreensão da condição humana. A isso se soma, e faz este quadro agravar-se: o uso desmedido de tecnologias, pois acentua-se o afastamento concreto, tudo passa ser deslizado nas frias telas de *smartphones*. O olhar não existe, o sorriso que toca, também não. Um excesso de informações que resultam na grande desinformação – não conhecimento de si próprio. Como se as pessoas perdessem a sua capacidade de ser, a capacidade do encontro.

Tempos preocupantes – tempos de muitas diferenças geracionais. Inclusive, entre períodos de tempo relativamente pequenos. Percebo assim um movimento muito distinto: de pais que se alienam e também cobrem suas ausências, física e emocional, com celulares para seus filhos. Até de idade muito pequena. Outros, em movimento oposto de um não total a qualquer tecnologia.

O “segredo” está no mais difícil – a presença em uma sociedade virtual. Fazer uso das tecnologias, mas ao mesmo tempo, do estar juntos, do brincar, correr, caminhar, ver filmes juntos, ler livros e aprender um instrumento.

Não é fácil, mas sinto que esta terceira via é a de maior equilíbrio.

POR OUTRO

Dias atrás tive uma experiência deveras rica: a constatação de que a felicidade não se resume a grandes acontecimentos. Por vezes algo aparentemente tão simples, pode ganhar os requintes valorativos.

Tudo começou num dia de chuva, em pleno verão, o qual fora antecedido por dias, semanas escaldantes. Nesse sentido a chuva e um dia de temperatura amena guardavam por si sós algo de novo.

Convidei minha mãe para passear de carro – ela vinha de uma semana difícil, de fragilidade de sua saúde.

No caminho me dei conta que nas estradas de um calçamento ruim, marcadas por buracos, a velocidade deveria ser outra, não a regular para aquela via, mas a que pudesse diminuir o máximo possível os solavancos e assim foi. Até mesmo o processo de escolhas de ruas, quando percebia que a que eu iria estava por demais afetada de buracos.

Passamos por ruas com araçás vermelhos e goiabas que forravam o chão molhado. Em tempos secos, o natural seria parar o carro e nos deliciarmos desta natureza. Mas chovia, não seria prudente nos molharmos, sobretudo por ela.

Mais a frente minha mãe fez o pedido de que parássemos em qualquer lugar, pois precisava de trigo. Estava com vontade de preparar um pão recheado com lombinho.

E assim foi feito. Também a consciência de que não se tratava de, simplesmente, pegar o trigo na prateleira, mas perder-se no compasso de quem passeava por aquele mercado, se encantando com os legumes, as frutas, os diversos queijos.

Mas o que me chamou a atenção é que ela queria um salgado. Peguei o pastel de carne que escolhera – somente um.

Voltamos ao carro e disse-lhe: vamos parar num cantinho verde, para um *picnic*. Um *picnic* diferente, pois foi no carro mesmo. E compartilhamos, segundo ela, o melhor pastel dos últimos tempos e com que alegria! Até pensei: será que alguma vez comera pastel no carro? Será?

Diante daquela alegria, daquele encantamento, veio a sensação de que a felicidade é assim, generosamente marcada de momentos simples e que não se repetem.

CARTAS

A quem endereçamos cartas? Penso que, hoje, a poucos. Restam algumas cartas comerciais, cartões – cada vez mais raros – em determinadas épocas.

Os e-mails, as mensagens rápidas de aplicativos, têm, cada vez mais, tomado o espaço e o tempo das cartas.

Falar em cartas é, necessariamente, falar do tempo. Sim, havia o tempo da escrita, o tempo da remessa, o tempo da chegada e, tempos depois, o tempo da resposta e da espera.

Tudo no seu tempo devido, sem espaços para cobranças imediatas. Sem a insanidade de tempos ultra velozes. Nada disso havia antes, tudo a seu tempo. Hoje, em épocas marcadas por tantos desafios, a questão da imediatez é algo complexo.

Temos em nossas mãos, de modo ininterrupto – quase sempre – sistemas que permitem a chegada de mensagens e sua resposta serem praticamente simultâneas. Por vezes podemos pensar que tal imediatez é sadia, seduzidos por cantos de sereias desesperadas, pois quem tem a certeza absoluta e concreta sobre esse comportamento?

Adentra-se no campo da esfera privada e individual do ser e joga a complexidade de que tudo é breve. Quem nos diz ou nos obriga a tal padrão? Por que nos sujeitamos a esta corrida maluca de instantaneidade? O que perseguimos ou buscamos? O desejo absurdo e totalmente descontextualizado de onipotência? Que grande mal, que pseudo perspectiva de vida. Há de se ter cuidado.

Toda comunicação é importante. Quantas e quantas vezes salva pessoas, simplifica determinados excessos. Mas por outro, passou-se a constituir um outro cenário: pessoas por sua própria opção algemaram-se aos seus celulares que vibram ou sonorizam sem parar.

Causa-nos profundo medo tal sociedade, pois afinal temos a efetiva noção do que está acontecendo? Por que os celulares, em suas variadas formas, estão a revelar tantas coisas, tantas inseguranças, tantas solidões?

Caminhemos, desloquemo-nos para outros ares, procuremos novos espaços, novas circunstâncias que nos desafiem, em especial, a sermos senhores e senhoras, para além de meros guardiães e sejamos de fato seus condutores e não seus súditos, ali deixados, sem qualquer rota.

TRISTE DEMAIS

É muito triste ver pessoas que de beleza interior incomum, perderem-se com tanta facilidade em pequenos “senões”. Agem como se fossem eternos, ou que o tempo fosse eterno.

Que ilusão!

Somos seres de um tempo, seres no tempo. Por que perder-se em ofensas, desatinos, busca insana de razões? Para que? Sobretudo, quando se está próximo de pessoas – ainda que não perfeitas – colocam-se ao nosso lado para amar.

Podem até, vez por outra, atrapalharem-se no modo como efetivamente amar. Mas pequenas incorreções nada são diante do grande deságio que é o colocar-se a caminho.

Podem surgir dúvidas, podem surgir situações que possam causar uma certa desesperança, mas jamais isso pode te fazer perder a esperança da alma humana.

Portanto, é triste demais ver que as pessoas se distanciam porque alimentam um desejo equivocado: se relacionarem como pessoas perfeitas. Isso, de fato, não existe.

Triste demais, quando é alimentado pelo distanciamento.

Triste demais... porque o tempo é de encontro, descobertas, de ares novos e não de aprisionamento.

OPÇÕES

A vida moderna tenta nos impor um padrão de vida que, cada vez mais, tem me parecido insano. Corrida em excesso, consumo em excesso, trabalho em excesso, internet e redes em excesso.

No entanto, temos tempo em falta, sorrisos em falta, contato com amigos em falta, cuidados em falta.

Parece nos faltar o que há de mais caro, mais precioso, o tempo de estar no tempo, tendo sobre ele compreensão e domínio.

Compreensão do tempo neste movimento de imprecisões e incerteza de tudo. Há que se ter uma escuta, há que se ter clareza nas escolhas, há que se otimizá-lo.

Neste cenário, um outro elemento é importantíssimo: domínio. Domínio sobre o tempo que, parece, a todo tempo, dominar-nos.

A vida nos apresenta um corre-corre gigantesco, como se vivêssemos aprisionados. Trânsito, trabalho, compromissos mil, redes sociais, a roubarmos de nós mesmos.

Que coisa estranha. Como, tendo consciência de tudo, deixarmos-nos servir? Muito estranho.

O rompimento precisa ser feito, aos poucos ou de súbito, a depender da realidade de cada um. Precisamos romper com a escravidão – todas – e nos tornamos senhores e senhoras de nós próprios. Na dimensão do livre arbítrio.

PODER EM FOCO

Ainda é perceptível o quanto, na sociedade, estão presentes as relações de poder e suas hierarquias.

Nesse contexto, parece-me que a academia se coloca num espaço contrário a tal servidão, mas até que ponto? Ela se põe e se expõe numa crítica ao poder, no entanto, também ela se estrutura em seu âmbito dessa forma. Talvez a diferença seja que, no âmbito acadêmico, o “poder” se instale pelo esforço da produção do conhecimento.

Em outros sistemas o poder se instala para colocar holofotes sobre si. O que mais me preocupa é quando a academia se presta a servir a este tipo de poder, viciando e viciando-se.

Se observarmos a construção sócio-histórica do nosso país, a concepção do domínio sempre foi muito forte. Não é à toa que fomos o último país das Américas a abolir o sistema escravocrata. Esse domínio de corpos acabou marcando a nossa estrutura, de modo que sair desse sistema de algemas é muito complexo. As algemas atuais são outras, no entanto, elas continuam existindo.

Romper com as algemas exige autonomia e por outro lado, alteridade.

A autonomia, dentro dessa análise é fundamental, pois é preciso sair da posição de submissos, de antigos e novos escravos, do dinheiro, da política.

Eu sou um “eu” inteiro, o outro não pode me despossuir, tutelar, pois existo.

E por outro, a solidariedade aponta que este “eu” – autônomo – não escravo, não escravizado e não escravizador, existe em um sistema de responsabilidade.

O indivíduo autônomo e solidário não é escravo, é sujeito de ações, sujeito de direitos, sujeito de responsabilidades.

Que a academia tenha este olhar atento, o de jamais reproduzir os doentios poderes. Poder que nega a autonomia e condena a solidariedade.

VIOLET

Gosto de animes. Talvez não seja algo muito comum uma pessoa adulta que goste de animes.

Sim, gosto e muito! Talvez este gosto tenha surgido do fato de assistir desenhos, filmes como meus filhos quando crianças e que se prolonga até hoje, mesmo que agora já estejam jovens.

Numa perfeita maratona, assisti uma série, datada de 2018, um anime japonês de título: “Violet Evergarden”.

Um enredo maravilhoso, daqueles que questionam, por essência e profundidade, muitos filmes “oscarianos”. A música, o colorido deste anime é de fazer encantar até mesmo, acredito, os que não sejam muito chegados a tal estilo.

Não tenho a intenção de dar o *spoiler*, mas indicar pontos que me tocaram profundamente:

Até mesmo as pessoas que, por motivos inusitados, podem ser lidas como “máquina para matar”, dentro de si possuem, ainda que desconhecidamente, uma semente, um DNA de humanidade, de busca do bem que é a vida, mas é preciso que algo aconteça para que haja este despertar, uma espécie de “gatilho” precisa ser acionado.

Paradoxalmente, não o gatilho da “máquina da morte”, que a tudo destruía, mas outro, o do sentimento. Um sentimento que tem como primeira manifestação, um olhar: um olhar diferente, que traga a paz de mares verdes. Depois o toque suave, que não viola, mas alcança, em seguida a palavra envolvida e revestida de ternura. Como se fosse possível uma voz que encanta.

O olhar, o toque, a voz – três elementos que foram fundamentais para a nossa protagonista *Violet*.

Outro fato interessante é que, diante desse “gatilho”, sentimentos profundos afloram e, mesmo sem saber nominá-los, passa a assimilá-los, compreendê-los, como a palavra “lindo”, a palavra “solidão”, a expressão “eu te amo”.

Como havia sido criada/treinada para ser uma “máquina”, a nossa protagonista não conhecia essas palavras, mas o encontro com o amor fez com que o sentimento se manifestasse e bastou simplesmente nominá-lo.

O broche verde que a surpreendeu, inquietou, passou a ser “lindo”.

A ausência que lhe queimava o coração, fora compreendida como solidão e, na medida em que a “maquina da morte” foi se humanizando, confrontando experiências novas, teve a oportunidade de conviver com situações de alteridade, tornou-se capaz de entender, assimilar, sentir o “eu te amo”.

“Violet Evergarden” é um anime capaz de provocar estas reflexões. O nosso grau de humanidade está ligado de forma proporcional ao encontro do mais belo e insubstituível dos sentimentos: o amor.

SEGUNDO MOVIMENTO: POEMAS

PILATES/VIDA

Como é bom o pilates
Um pilates vida,
que te proporciona o alongamento
- distância necessária dos problemas
que não podem ser resolvidos por si sós –
Flexibilidade
– flexibilidade na compreensão de momentos,
na compreensão de pessoas,
o que é algo custoso.
A vida corre ao teu redor,
situações das mais variadas,
das mais complexas.
O que fazer?
Alongar-se na busca do outro,
que te chega sofrido,
instável.
Flexibilizar-se na recepção do outro.
Este outro faminto de verdades,
curioso por novas descobertas,
machucado pelos revezes da vida.
É preciso sim
alongar-se e flexibilizar.
Só assim o mundo
não te parecerá tão rígido.
Somente assim poderás
e terás condições de,
simplesmente,
abraçar.
Abraço terno que compõe e recompõe vidas.
Abraço que sana,
aconchega,
desperta para a vida.

DESISTIR(?)

Para muitos olhares
melhor seria desistir.
Desistir de te compreender,
de saber as razões da tua dor,
que te tira a cor.
De escutar tua voz lamuriosa
de tantos abandonos.
De sentir que teus gestos brutos
sinalizam tantas coisas:
empurras a quem querias tomar nos braços.
Afastas a quem querias ter sempre por perto.
Tendo essa consciência
como desistir?
Desistir, seria como que nada fazer,
vendo uma pessoa afundar-se
em profundo lamaçal.
Um lamaçal que vai sugando a pessoa,
pouco a pouco,
de modo desesperador.
Sim, não é possível desistir.
Desistir seria não acreditar
na vida e nas suas inúmeras variáveis
e possibilidades de ressurreição.
Não há que se desistir,
a vida prossegue
e nos oferece portas e janelas abertas.
Nos oferece a possibilidade de,
novamente,
ver a luz.

QUE NOME

O que faz um ser te olhar
com olhos baixos?
Educação que o violentou?
Que impedem a leveza da infância
no seu brincar,
correr,
gritar?
A insegurança passou a ocupar espaço
e com ela a ansiedade.
Adultos que crescem
tendo suas infâncias marcadas
por descompassos,
críticas fortes que,
ao invés de estimular,
simplesmente,
deixavam marcas
de desencantamento,
de tristeza.
Um olhar que não brilha
Por quê?
Pois está desencantado
e, ainda,
um olhar que nunca busca outro olhar.
Que não busca a alteridade
Por quê?
Por medo...
Este olhar poderá ter
uma nova correção.

DIVISÃO

É muito ruim ver alguém
com o coração dividido.
Sem dar atenção lá,
Sem dar atenção cá.
Dividido.
Sem saber ver,
sem saber o que fazer.
Demandas que te chamam
e te tiram a paz.
E o que é pior,
Se apresentam como verdadeiras necessidades.
Tudo ilusão.
Foi roubada a tua presença real,
o emocional estava disperso em outro lugar,
acorrentando ao celular,
tomado por *WhatsApps*.
Que pena...
Os que de ti se aproximam queriam ou desejavam,
simplesmente,
a tua presença.
Mas teu olhar estava fixo na tela
e tuas mãos,
antes condutoras de ternura,
estavam ocupadas
num digitar sem fim.
Foste abduzida para outro tempo/lugar,
pois a divisão é alienante.

É ESTRANHO

É estranho ver-te assim
Perdida em defesas/argumentos.
Como se a “razão” te acorrentasse
e te tirasse a naturalidade
de um refletir leve,
sem correntes.
Colocar-se diante do outro
com ares de supremacia,
com uma retórica pautada
em agressões,
na diminuição do interlocutor
e se sobrepondo,
sem respiro,
sem interlocução.
A voz se elevando,
os gestos brutos.
Por quê?
Para que?
Tuas ações são a demonstração de insegurança?
Não te sentes absolutamente competente?
Precisas demonstrar o que és
a custo de ferir o outro?
Valerá a pena?
Parece-me melhor silenciar.
Ver-te assim causa-me estupor.
É presenciar uma guerra em que
só tuas armas são válidas.
Que triste...
Desolador ver este campo minado
de pseudas certezas.
Só para teres a sensação,
a falsa impressão
de que és portadora da verdade
Que pena...
A verdade é leve,
não aprisiona.
A verdade desperta... te eleva... te faz voar.

VOA

Voa minha amada
para o mais lindo jardim.
Ali a dor não mais te tomará,
ali só há espaço para luz.
Tua luz,
encontrou a luz.
Tua bondade,
encontrou a bondade.
Tua sabedora,
mergulhou na absoluta sabedoria.
Somos todos um no teu coração.
Teu sorriso se fundirá para sempre
em nossas faces
que agora sorrirão para ti.
Nada que construístes em nós
terá passado em vão.
Somos em ti,
porque teu amor foi tanto
que se eternizou em nós.
Voa minha amada,
tuas asas são infindas
e nos dão a certeza:
Vale a pena amar,
vale a pena seguir.

GRATIDÃO

Como não sentir,
ver o teu olhar que nos acompanha,
protege e conduz?
Como não sentir tua mão carinhosa
a indicar que o amor é concreto?
Tudo ao meu redor
indica o quanto tu nos amas.
Nada passa em vão.
Nada é por acaso.
Em tudo há sinais
do teu amor profundo,
que não desiste,
que não nos abandona.
Tudo é sinal do teu
incomensurável amor.
Tu és!!!
Beleza ímpar!
Uma única palavra é possível dizer:
Obrigada!!!!

NÃO É POSSÍVEL

Não é possível
que adoeçamos frente
aos desatinos de outros,
suas incoerências,
maus hábitos.
Por quê?
Porque essa é a história,
vivências,
sentimentos
que lhes são próprios.
Somos o jardim
não o lixão de quimeras
que fazem questão
de se manterem assim,
sem autoconsciência.
Dói, é fato,
nos angustiamos,
os entristecem,
é real.
Mas tudo tem um limite.
É duro dizer:
Mas o amor por si não basta,
há, por vezes, lesões, histórias,
traumas tão fortes em quem queremos bem,
que se faz necessário ajuda.
Sim, ajuda terapêutica.
Os terapeutas são em tempos “líquidos”,
os anjos da cura.
Anjos da alma humana,
perdida,
maculada,
ferida.
Não é fraqueza deixar-se conduzir por anjos,
não é fraqueza, pois, indicá-los.

ONDE ESTÁ?

Onde está zeloso jardineiro tua flor?
Dela cuidavas,
regavas,
perdias tempo...
A ela davas não o teu melhor,
mas o teu possível melhor.
Pois o jardineiro também tem limites,
imperfeições.
Mas onde está “tua” flor?
Lá se foi,
transplantada para outro jardim.
Precisava de outros cuidados.
Veio a solidão? Sim!
Veio a ausência? Sim!
Veio o vazio? Sim!
Mas também, aos poucos,
chegou um sentimento acalentador:
a compreensão da alteridade.
Se é o cuidado, o zelo,
o descobrir cores, formas e cheiros
que constituem a essência do jardineiro,
nada mais compreensível,
que a percepção da alteridade.
O jardineiro fez o seu papel, amou.
O jardineiro cumpre o seu papel:
“Permite” que só o melhor para sua flor
dê sentido a sua vida,
ao seu jardim.

SENHORA DO DESEJO

Desejar não é um mero querer.
Não se trata de mera opinião.
Desejar é intuir
Projetar para o além
Mistérios profundos.
É por significado a signos
É por cor nas tintas.
Desejar é sentir profundamente.
Manifestar não agressivo,
mas sutil...
É expor
É expor-se
É flertar com flores,
com o vento.
Desejar o que será?
Alguém sabe,
tem clareza?
É ela, a senhora do desejo.

ESSES DIAS

Dias diferentes
em terras em que o sol
acorda tão cedo
e se despede abruptamente
em um pouco mais que o meio da tarde.
Pessoas gentis,
marcadas em seus rostos
por um sol impetuoso.
Pessoas gentis,
que sabem o valor do abraço.
Afinal em sua origem
a ideia de um lugar
que acolheu um especial menino.
Onde estamos pois?
simplesmente,
em Natal.

PREOCUPA-ME

Preocupa-me o gesto bruto,
a palavra gritada,
o pensamento feroz.
Preocupa-me ver ganância,
dissabor,
inveja.
Aflige minha alma
sentir que o ser humano
se afasta da sua essência,
perde-se no caminho,
sem saber caminhar.
Assisto cenas de guerra,
externas e internas.
Confrontos ideológicos,
tantas formas de polarizações.
Nos perdemos...
Nos fazemos perder...
Cegos desatinados...
Para onde ir?
Para distâncias mil?
E tudo,
resposta e essência
está tão perto,
no íntimo do coração.

CARTAS DE DOR

“Cartas ao pai”,
Cartas de dor,
fragmentos de feridas
inscritas na alma,
Dores profundas.
Não há bálsamo suficiente,
tantas as palavras duras,
olhares que julgavam e condenavam.
Braços e mãos
armados de chicotes e varas
que deixavam vergões,
que faziam sangrar.
“Cartas ao pai”,
Que não foram enviadas,
Não foram consideradas,
não lidas.
Tudo ficou cerrado.
O corpo endurecido,
A alma petrificada.
“Cartas ao pai”,
Cartas com um único conteúdo: dor

DEFICIÊNCIA(?)

Quanto sofrimento,
mas também,
quanta superação.
As deficiências existem,
dificultam, não restam dúvidas.
Mas, por outro,
sinalizam as diferenças.
Uma sociedade é plena em diferenças,
isso é também a pluralidade,
Vivência real da diversidade.
É pensar pequeno,
pensar limitado
querer que o mundo fosse
tão somente
de pessoas “regulares”/funcionais.
Barreiras se colocam
como óbices ao existir,
impedimentos ao brincar,
ao constituir-se.
Aí sim, o mundo se apresenta cruel/desumano.
O mundo precisa ser transformado
Como?
Quando?
Precisamos insistir que
é humano incluir,
é desumano excluir.
Confiemos,
acreditemos,
avancemos.
Um mundo novo é possível,
pautado no ser,
em dinâmicas de alteridade.

POESIA E DOR

Poderá o poeta
abster-se de se manifestar
quando tudo ao seu redor é dor,
uma dor pandêmica?
Famílias que perdem seus avós,
suas histórias,
comidas,
tradições,
sem o direito sequer a uma despedida solene,
demorada,
querendo reter o tempo e o corpo.
Nada disso é possível.
A dor é cerrada.
Não há sequer brevíssimas despedidas.
Um sentimento coletivo
de medo,
desespero por parte de tantos...
O medo até pode,
por certo impactar,
mas jamais bloquear.
Sim! Substitua a aflição por ação e oração.
Substitua o desespero pela esperança.
Um novo amor relacional
eis que surge.
É preciso acreditar e
alimentar-se dessa esperança.

P X P: POETA NA PANDEMIA

A poesia tem lugar
em tempos de pandemia?
Não, diriam alguns.
Como ser poeta
se tudo ao redor fala de dor,
a morte está presente,
o desespero acomete a tantos?
Sim, dirão muitos.
Como não ser poeta,
se suas palavras são aguardadas
como bálsamo a aliviar a dor?
Se suas palavras são evocativas do belo.
Se são encharcadas de esperança?
O poeta tem muito a dizer,
sua sensibilidade prova
um sentimento concatenado de elos.
Dependemos uns dos outros,
grita o poeta.
Uma dependência não doentia,
ao inverso,
que resgata,
reconstrói o que, por ora,
tínhamos deixado de lado.
Uma dependência que elege a vida.
Diga poeta, sim diga!
Estamos ávidos da tua sensibilidade,
ávidos de luz!!

SOCORRO

Socorro,
não como grito de desespero,
mas como ato de ir ao socorro de alguém,
sustentar-lhe,
alimentar-lhe.
Tempos em que é necessário
uma nova expressão
do pensar,
refletir,
agir.
Tempos em que a solidão
deverá ser substituída por outra expressão:
Sair de si.
Socorrer.
Pôr-se a caminho,
de formas variadas,
de acordo com as dinâmicas pessoais,
talentos,
condições.
Colocar-se a caminho
e transformar pelo amor.
Sim, a dor transformada,
pois fora socorrida,
o amor a socorreu.

POEMA PARA HELENA

Helena filha amada,
te coloco em meus braços
e te faço um ninho,
de aconchego,
calor.
Sinta como és minha única flor,
tão amada no meu jardim.
Helena filha amada,
te coloco sobre os meus ombros
e te apresento o mundo:
O mar, as montanhas, jardins.
Ah! Como desejo,
minha pequena,
que este mundo se faça melhor.
Menos poluído,
com menos conflitos.
Tenha certeza “pequena Helena”
farei de tudo, para que este mundo
seja a mais bela casa para ti.
A casa do amor,
da acolhida,
da tolerância.
Uma casa digna de Helena.

CORAÇÃO DOURADO

Um coração que extrapola as barreiras,
vicissitudes,
medos.

Um coração que
te chama à realidade,
te aponta as fragilidades,
os senões,
que te faz ver:
é preciso agir.

Um coração que
te chama à arte,
ao belo,
ao que não se pode conter,
fechar,
reprimir.

Um coração dourado que
dá asas a tua existência,
aprimora a tua essência
e te aponta a “arte de amar”.

ÁGAPE

Ser ágape,
fazer-se banquete
em sacrifício pelo outro.
O ágape “negativo”
é o do alimento
fruto do que foi escravizado,
explorado,
submetido.
O ágape “positivo”
é o que compreende
a profusão do banquete
quando é compartilhado.
O sacrifício transforma-se em alteridade.
A negação do eu,
passa a ter a dinâmica
da saudável percepção do coletivo.
Aí sim,
o ágape é o verdadeiro banquete:
Alimento de todos.

QUARENTENA

Estar com o outro,
em especial,
o tempo com crianças e adolescentes,
não poderá ser tempo perdido.
Antes, é precioso tempo,
tempo do respeito.
Do ouvir a criança,
de colocar-se à altura do seu olhar.
Será que estávamos distantes,
ausentes,
ensimesmados?
Não o sabemos ao certo.
O certo é:
Estamos frente a um novo tempo,
de tantas inseguranças,
incertezas.
E o que nos resta de seguro?
Amar!

CUIDADO MAIOR

Não tem como se alienar,
Sim, vivemos tempos complexos,
há muito não vivido.
Vivíamos tempos de externalidades,
de muitas aparências e pouca essência.
Agora o tempo é outro,
um outro chamamento:
O do cuidado.
A alimentação,
o trato com as coisas,
em especial,
com as pessoas.
Que de tudo tiremos uma “lição”:
O cuidar é prioritário.
O cuidar de si,
O cuidar do outro,
O cuidar de gaia,
A nossa mãe terra,
alimentá-la com zelo.
Basta de tanta destruição,
consumismo,
excessos.
Cuidar de gaia,
cuidar da mãe terra!

TEMPOS DE AMOROSIDADE

Cuidar da vida,
Cuidar da saúde,
Cuidar de si,
Cuidar do outro.
Constatamos algo difícil,
como se estivéssemos numa encruzilhada:
Para onde ir?
Como nos situar?
Como em toda encruzilhada
Temos que tomar uma decisão.
Que caminho seguir.
Para alguns,
parece ser o caminho da desolação,
da desesperança.
Para outros,
e também chamo para mim esta orientação:
o caminho a ser escolhido,
trilhado
é o da amorosidade.
Tempo e estradas de amorosidade.

TEMPOS OUTROS

Tempos difíceis sim,
mas de desesperança não!
Há que se ter um olhar
atento sobre nossas crianças.
O brincar,
o sentar juntos,
o gargalhar.
Há que se ter um olhar diferenciado
com nossos adolescentes.
Aqui o cuidado tem que ser ainda mais especial.
O ouvir,
deixar-se perder no tempo deles,
na sua linguagem,
gestos,
pois estão a sofrer.
Cuidar, sentir,
estar próximo de nossas crianças e adolescentes.
O isolamento social é externo.
O “fique em casa”
deveria ser sinônimo de ninho,
muito carinho,
em meio a trabalho redobrado.

CRIANÇAS

Como não brincar de roda, pião,
carrinho, bonecas...
Ouvir histórias,
contar meus sonhos.
Este é o meu jeito de ser criança.
Mas estou em risco,
corro perigo.
Estou sem teto
e muitas vezes sem afeto.
Preciso,
mais do que um país que me receba.
Preciso de um lugar lar,
que lembre lareira,
calor.
Sentimento de pertencimento.
Tenho o direito de circular
e, sobretudo, o de ser acolhida.

BELEZAS

Belezas diversas,
belezas únicas
que nos fazem contemplar
o belo que nos é distinto,
o belo que faz ir sempre além.
Um além de conceitos fechados,
sombrios,
estruturados.
O belo sempre nos surpreende.
Te tira do lugar comum,
das areias movediças
que te roubam a criatividade.
O belo te desperta,
te instiga.
O belo te faz emergir de águas profundas.
Te faz respirar,
te enche de luz!

QUISERA

Quisera acreditar
num mundo melhor,
em que as pessoas fossem
mais verdadeiras.
Que não se deixassem
seduzir por falsos cantos,
falsas luzes.
Nascemos para voos verdadeiros
como borboletas
e não mariposas
que se deixam “queimar”
nas lâmpadas das ilusões.
Buscamos o sol,
a verdadeira luz,
a verdadeira razão
que busca o ser
a essência,
o que não se perde.
O resto é resto,
quimeras.
Respiremos e reiniciemos o voo.

UM OUTRO OLHAR

Um outro olhar
Que te aponta o novo,
Que revela e desvela tantas situações.
Caixas são abertas,
Janelas e portas esgaçadas.
É preciso luz
Que afugente toda escuridão.
Um ar novo,
Um novo suspiro.
É possível recomeçar
Deixar para o passado
As obscuridades,
As incertezas.
Deixar no passado
Todos os medos.
Vida nova te espera.
Não retardará o abraço,
Abraço forte,
Como o do pai em relação ao filho pródigo.
Abraço que tudo dilui,
Apaga.
Luz, muita luz sobre o olhar,
Simplesmente,
Um novo olhar.

ISBN: 978-65-88213-04-9

CR



9 786588 213049